

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE BIOCÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOBIOLOGIA
LABORATÓRIO DE EVOLUÇÃO DO COMPORTAMENTO HUMANO

LARA GOMES DE SOUZA SILVEIRA

EMPATIA E RECONHECIMENTO DE EMOÇÕES NA INFÂNCIA

Natal
2019

LARA GOMES DE SOUZA SILVEIRA

EMPATIA E RECONHECIMENTO DE EMOÇÕES NA INFÂNCIA

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicobiologia.

Orientadora: Profa. Dra. Fívia de Araújo Lopes

Co-orientador: Prof. Dr. Felipe Nalon Castro

Natal

2019

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Prof. Leopoldo Nelson - -Centro de Biociências - CB

Silveira, Lara Gomes de Souza.

Empatia e reconhecimento de emoções na infância / Lara Gomes de Souza Silveira. - Natal, 2019.

104 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Biociências. Programa de Pós-graduação em Psicobiologia.

Orientadora: Profa. Dra. Fívia de Araújo Lopes.

Coorientador: Prof. Dr. Felipe Nalon Castro.

1. Desenvolvimento emocional - Dissertação. 2. Infância - Dissertação. 3. Percepção - Dissertação. I. Lopes, Fívia de Araújo. II. Castro, Felipe Nalon. III. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. IV. Título.

Título: Empatia e percepção de emoções na infância

Autora: Lara Gomes de Souza Silveira

Data da defesa: 28 de março de 2019 – 15h 30min

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Adriane Xavier Arteche

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Prof. Dra. Monique Bezerra Paz Leitão

Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN

Prof. Dra. Fívia de Araújo Lopes (Orientadora)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Dedico este trabalho à todas as crianças que dele fizeram parte
e me ensinaram, mesmo sem saber, um pouco mais sobre o
lugar do outro em minha vida.

Agradecimentos

Aos meus pais, por todos os agradecimentos convencionais, desde me proporcionarem a melhor educação que poderia pedir, até toda a infraestrutura emocional e financeira para me manter estudando, sonhando e buscando o conhecimento. Mas além disso, agradeço à minha mãe, Yara Gomes, por ser meu primeiro e melhor exemplo de dedicação ao ofício, à educação, à sala de aula. Ao meu pai, Pedro Leopoldo, meu exemplo maior de paixão aos livros, aos estudos, por ter me ensinado que não fiz mais que minha obrigação em chegar até aqui. Aos meus irmãos, por toda a paciência, carinho e inspiração em me tornar, todos os dias, uma pessoa melhor para mim e para o mundo. Obrigada, João Lucas, por me inspirar no caminho da academia, por me mostrar que é possível, dolorido, mas imensamente prazeroso todo o processo. Obrigada, Pedro Lucas, por me mostrar que as pessoas são o que há de melhor e pior no mundo, mas que ainda vale à pena, por me fazer ter a certeza de que todos nós somos incríveis, do nosso jeito. Obrigada, Gabriel Gianni, pela dedicação diária, pela preocupação e paciência nos dias mais difíceis e cansativos, pelo apoio incansável em todas as etapas por menores ou mais demoradas que fossem. Obrigada, meu amor, pela empolgação maior que a minha, pela vibração por cada dia de coleta completo, por cada linha escrita, por estar comigo incansavelmente, mesmo quando eu já estava exausta. Vocês continuam me ensinando que sonhos são possíveis, ainda mais quando sonhamos juntos.

À minha orientadora que em tanto é presente que definir apenas como orientadora é pouco. Obrigada, Fívia, por ser orientadora na melhor definição da palavra, por ser Norte e inspiração, mas principalmente, por me dar liberdade e autonomia na construção de nossa pesquisa. Obrigada por ter sido braço direito, esquerdo e perna também. Por ouvir, aconselhar, corrigir, rir, comer, rir mais um pouco, mas principalmente, obrigada por nunca podar, por

acreditar e apostar com todo o incentivo possível. Como um dia te disse, agora preciso dizer de mais uma vez: estou muito orgulhosa de nós duas!

Ao meu co-orientador, Felipe Nalon, por toda a disponibilidade e paciência com minha insegurança com estatística, por me incentivar e mostrar que eu sou capaz. À Janny Cibelly, em nome de toda a Escola Municipal Juvenal Lamartine, pela disponibilidade e abertura desde o primeiro contato, assim como, à Tânia Leiros e Priscila Saraiva, em nome de todo o Instituto Maria Auxiliadora, por acreditarem em nossa pesquisa desde o início.

Às minhas meninas, Rayane Caroline e Samile Dias, não poderia ser mais grata. Obrigada por acreditarem na nossa pesquisa, pela empolgação em cada autorização recebida, por acordar cedo, pela tabulação incansável, por me ensinarem a ensinar, me desculpem pelas cobranças que por vezes foram minuciosas, mesmo assim, vocês não arredaram o pé e foram excepcionalmente competentes. Vocês são incríveis, têm um futuro lindo na pesquisa, nunca duvidem ou deixem duvidar da capacidade de vocês.

Por último, mas não menos importante, obrigada aos amigos e familiares que tanto me incentivaram e acreditaram na minha caminhada até aqui. Muitas vezes, mesmo sem entender exatamente o que eu estava fazendo, vocês foram combustível para que eu chegasse aqui. Obrigada por entenderem a ausência, o cansaço e a falta de paciência, sem a compreensão e força de vocês, com certeza, o caminho teria sido muito mais longo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

As emoções podem se constituir como um fator de melhoramento nas interações sociais. Expressar emoções traz uma carga informativa tanto para o indivíduo que as expressa, quanto para o indivíduo que as percebe e isso cria uma relação entre os mesmos, sendo essa a base da interação social. Para os seres humanos, a primeira relação emocional estabelecida ocorre entre o bebê e o seu cuidador principal. É nessa primeira relação que há o desenvolvimento do que chamamos de empatia, uma percepção emocional e comportamental diante das emoções do outro. A empatia é uma habilidade social que tem suas raízes intrincadas com vínculos emocionais e a capacidade de se relacionar com o outro. Assim sendo, uma base familiar inclusiva, afetiva e com pais autoritativos acabam por favorecer habilidades empáticas. O objetivo principal deste trabalho foi compreender o desenvolvimento da empatia e da percepção de emoções na infância. Essa pesquisa é composta por quatro artigos, sendo dois artigos teóricos e dois artigos empíricos. Os artigos teóricos abordaram os temas emoções e empatia e foram feitos a partir de pesquisa documental bibliográfica. Os artigos empíricos tiveram a sua coleta de dados realizada no município de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. Para o estudo empírico sobre emoções contamos com uma amostra total de 153 participantes, distribuídos em três grupos etários (grupo 1: 5 e 6 anos, grupo 2: 7 e 8 anos e grupo 3: 9 e 10 anos), de ambos os sexos, estudantes de uma escola municipal e uma escola particular. A coleta foi realizada individualmente e as crianças realizaram um teste de percepção de emoções, realizado através de um computador, no qual foram apresentadas três imagens de indivíduos expressando cada uma das seis emoções básicas para que a emoção pudesse ser identificada. Para o artigo empírico de empatia, utilizamos dois questionários guiados com as crianças e um questionário foi enviado para que os pais respondessem em relação a empatia dos seus filhos ($n = 306$). Foi observado que a idade da criança influencia na capacidade de reconhecer emoções, diferentemente do sexo que, em crianças pertencentes à mesma faixa etária, não influencia na percepção de emoções. Os resultados nos mostraram que não há uma influência do sexo da criança na empatia em nenhum dos três grupos, porém, que a idade é um fator importante na habilidade empática das crianças. Foi observado, também, que os pais não conseguem perceber corretamente o quão empático são seus filhos. Nossos achados trazem uma maior compreensão acerca do papel do reconhecimento de emoções e da empatia ao longo da infância, assim como, o papel social que as duas habilidades – que estão intrinsecamente relacionadas – exercem na criança e em seu entorno.

Palavras-chave: Infância; Percepção; Desenvolvimento emocional.

Abstract

Emotions can be a factor of improvement in social interactions. Expressing emotions brings an informational burden both to the individual who expresses them and to the individual who perceives them, and this creates a relationship between them, which is the basis of social interaction. For humans, the first established emotional relationship occurs between the baby and his or her primary caregiver. It is in this first relation that there is the development of what we call empathy, an emotional and behavioral perception before the emotions of the other. Empathy is a social skill that has its intricate roots with emotional attachments and the ability to relate to others. Thus, an inclusive, affective family background with authoritative parents end up favoring empathic abilities. The main objective of this work was to understand the development of empathy and the perception of emotions in childhood. This research is composed by four articles, two theoretical articles and two empirical articles. Theoretical articles addressed the topics emotions and empathy and were made from bibliographic documentary research. The empirical articles were collected in the city of Natal, Rio Grande do Norte, Brazil. For the empirical study on emotions we had a total sample of 153 participants, divided into three age groups (1: 5 and 6 years, group 2: 7 and 8 years and group 3: 9 and 10 years), of both sexes, students from a municipal school and a private school. The collection was performed individually and the children performed an emotion perception test, performed through a computer, in which they were presented three images of individuals expressing each of the six basic emotions so that the emotion could be identified. For the empirical article on empathy, we used two questionnaires guided with the children and a questionnaire was sent to parents to respond to their children's empathy (n = 306). It was observed that the child's age influences the ability to recognize emotions, unlike the gender that, in children belonging to the same age group, does not influence the perception of emotions. The results showed that there is no influence of the sex of the child on empathy in any of the three groups, however, that age is an important factor in children's empathic ability. It has also been observed that parents can not correctly perceive how empathetic their children are. Our findings bring a greater understanding of the role of emotion recognition and empathy throughout childhood, as well as the social role that the two abilities - which are intrinsically related - exert in the child and in its surroundings.

Keywords: Childhood; Perception; Emotional development.

Sumário

Apresentação	1
Emoção, qual o seu valor?	2
Resumo	3
Abstract	4
Introdução	5
O papel das emoções na vida social	6
Classificando as emoções	7
Valência das emoções	9
Diferenças culturais e bases biológicas das emoções	9
Reconhecimento das emoções	10
Ambiente familiar e as emoções	12
Considerações finais	13
Referências bibliográficas	13
Reconhecimento de emoções em crianças	17
Resumo	19
Abstract	19
Introdução	20
Influência do sexo e da idade na percepção de emoções	22
Materiais e métodos	23
<i>Aspectos éticos</i>	23
<i>Local de estudo e participantes</i>	23
<i>Instrumentos</i>	24
Análise dos dados	25
Resultados	26
Discussão	29
Considerações finais	31
Referências bibliográficas	32
Empatia: Olhar o outro dentro de mim	35
Resumo	36
Abstract	36
Introdução	37
Fases da empatia	38
Empatia e termos associados	38
Papel social da empatia	39

Desenvolvimento da empatia	40
Considerações finais	42
Referências bibliográficas	43
Como eu te vejo: desenvolvimento da empatia e a percepção dos pais	47
Resumo	48
Abstract	49
Introdução	50
Sexo empático	51
Influências parentais	52
Materiais e métodos	53
<i>Aspectos éticos</i>	53
<i>Local de estudo e participantes</i>	54
<i>Instrumentos</i>	54
Análise dos dados	55
Resultados	55
Discussão	58
Considerações finais	60
Referências bibliográficas	61
Considerações finais	64
Anexos	74

Apresentação

A presente dissertação de mestrado está estruturada em seções, em concordância com as normas do Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia (PPgPsicobio) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Os **artigos teóricos** apresentam e discorrem os temas: emoções e empatia baseados em pesquisa bibliográfica. Os mesmos trazem uma análise da compreensão dos dois temas envolvendo, principalmente, aspectos sociais e de desenvolvimento de cada um.

Os **artigos empíricos** são compostos por dois estudos. O primeiro estudo traz um teste de percepção de emoções que avalia o reconhecimento de emoções primárias de crianças entre 5 e 10 anos de idade. O segundo estudo traz dois questionários para as crianças que avaliam o nível empático das mesmas crianças e a interação familiar a partir das respostas destas, além de um questionário que foi enviado para os pais para que fosse medida a percepção destes da empatia de seus filhos.

As **Considerações Finais** compilam as ideias discutidas ao longo da presente dissertação e as conclusões obtidas nesta pesquisa.

Nas **Referências** estão listadas as referências da literatura utilizada nas seções listadas acima.

Por fim, apresentaremos uma seção de **Anexos** com os instrumentos utilizados em nossa pesquisa.

Emoção, qual o seu valor?

Silveira, L. G. S.^{1,2} & Lopes, F. A.^{2,3}

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). gomes.lara.s@gmail.com

²Laboratório de Evolução do Comportamento Humano (UFRN). Programa de Pós-graduação em Psicobiologia (UFRN).

³Departamento de Fisiologia e Comportamento, Centro de Biociências, (UFRN).

Informações sobre o periódico que o manuscrito será submetido:

- Periódico: Psico-USF

- Classificação: A2 (Psicologia)

Resumo

Os seres humanos são animais altamente sociais, pertencentes ao grupo dos primatas, o que faz com que a espécie apresente diversas estratégias comportamentais que expressam essa característica distinta do grupo. As emoções podem ser consideradas uma estratégia comportamental para a manutenção e o aperfeiçoamento das relações e interações sociais. Expressar emoções traz uma carga informativa tanto para o indivíduo que as expressa, quanto para o indivíduo que as percebe e isso cria uma relação entre os mesmos. Primariamente, essa relação é estabelecida com os criadores principais, para manutenção do vínculo, garantindo a sobrevivência do infante e o vínculo entre estes e, posteriormente, expressar emoções aumenta a capacidade de se relacionar intra e intergrupos e aumenta as chances de sobrevivência e reprodução das espécies que as apresentam. O objetivo principal deste trabalho foi, através de pesquisa documental bibliográfica, apresentar qual o papel e como as emoções e a percepção destas se inserem no contexto social em que o ser humano está alocado. Verificamos que nove componentes podem ser identificados no processo de reconhecimento de emoções em crianças: reconhecimento, causa externa, desejo, crença, memória, regulação, camuflagem, resposta mista e moral. Esses componentes se apresentam em diferentes faixas etárias e cada um deles possui a sua própria caracterização. Uma vez que, para os seres humanos, a primeira relação emocional estabelecida ocorre entre o bebê e o seu cuidador principal, a interação familiar influencia diretamente as habilidades emocionais. Ambientes ricos em experimentação emocional parecem ter uma relação forte com o completo aperfeiçoamento da percepção das emoções de maneira concisa e correta. Dessa forma, desde a infância até o completo desenvolvimento cognitivo e psicológico, a percepção e a expressão de emoções têm um caráter importante na sobrevivência, relação com os pares, adequação ao meio social em que se está inserido e, até mesmo, pode aumentar as chances de reprodução dos indivíduos.

Palavras-chave: Infância; Percepção; Desenvolvimento emocional; Evolução humana.

Abstract

Humans are highly social animals, belonging to the group of primates, which causes the species to present several behavioral strategies that express this distinct characteristic of the group. Emotions can be considered as a behavioral strategy for maintaining and improving relationships and social interactions. Expressing emotions brings an informational burden both to the individual who expresses them and to the individual who perceives them, and this creates a relationship between them. Primarily, this relationship is established with the main creators to maintain the bond, ensuring the infant's survival and the bond between them and subsequently expressing emotions increases the ability to relate intra and intergroups and increases the chances of survival and reproduction of the species that present them. The main objective of this work was, through documentary bibliographical research, to present the role and how the emotions and the perception of these are inserted in the social context in which the human being is allotted. We verified that nine components can be identified in the process of recognition of emotions in children: recognition, external cause, desire, belief, memory, regulation, camouflage, mixed response and moral. These components present themselves in different age groups and each of them has its own characterization. Since, for humans, the first established emotional relationship occurs between the infant and his primary caregiver, family interaction directly influences emotional abilities. Environments rich in emotional experimentation seem to have a strong relationship with the complete improvement of the perception of the emotions in a concise and correct way. Thus, from childhood to complete cognitive and psychological development, the perception and expression of emotions have an important character in survival, relationship with peers, adaptation to the social environment in which they are inserted and, even, can increase the chances of reproduction of the individuals.

Keywords: Childhood; Perception; Emotional development; Human evolution

Introdução

Os primatas, em geral, são animais altamente sociais (Roberts, 2012). Obedecendo a esse preceito, o ser humano desenvolve habilidades de socialização desde o nascimento, seja através da comunicação ou de sinais emocionais. É dessa forma que bebês e crianças pequenas acabam por comunicar os seus estados internos aos cuidadores, sendo essa uma estratégia para a manutenção e do vínculo e regulação das ações dos cuidadores (Andrade, 2013; Andrade et al., 2014). É baseado nessa interação intensa entre pais e filhos que se afirma que momentos da história de vida das crianças podem influenciar negativamente as habilidades emocionais das mesmas. Altos níveis de punições (sejam elas físicas ou emocionais), agressividade verbal e não-verbal, acabam por influenciar negativamente essas habilidades (Andrade, 2013). Ainda na infância, o sucesso na percepção e expressão de emoções de forma adequada auxilia no reconhecimento das suas próprias emoções de acordo com sua idade e no desenvolvimento de estratégias de relaxamento frente a situações de emoções negativas ou estresse emocional (Berkovits, Eisenhower, & Blancher, 2017).

O desenvolvimento de habilidades cognitivas, alta coalizão de grupo e o tamanho avantajado do neocórtex deram suporte para o desenvolvimento de hipóteses que postulam que possuímos um “cérebro social” (Dunbar, 1993). A hipótese do cérebro social, sugere que, evolutivamente, o aumento do tamanho do neocórtex está relacionado com o tamanho do grupo em que os indivíduos estão inseridos e com a alta coalizão existente no mesmo. Essa relação é encontrada tanto em primatas não-humanos, como em humanos (Dunbar, 1998). Assim, para a manutenção da vida em grupo (sejam esses com grande ou pequeno números de indivíduos), são necessárias estratégias comportamentais que mantenham a coalizão (Alcock, 2009). O objetivo do presente trabalho foi apresentar o papel e como as emoções e a percepção destas se inserem no contexto social em que o ser humano está alocado.

O papel das emoções na vida social

Uma importante estratégia comportamental utilizada para a manutenção da vida em grupo e o seu melhoramento são as emoções. As emoções podem se constituir como um fator que proporciona o melhoramento nas interações sociais, por serem um elemento social de primeira ordem ao longo do desenvolvimento do ser humano. Isso se dá pelo fato de que expressar emoções traz uma carga informativa tanto para o indivíduo que as expressa, quanto para o indivíduo que as percebe e isso cria uma relação entre os mesmos, sendo essa a base da interação social (Halberstadt, Denham, & Dunsmore, 2001). As emoções podem ser definidas como uma resposta fisiológica e comportamental rápida frente a estímulos externos e internos que visam a melhor adaptação do indivíduo ao meio (social e ambiental) que o cerca (Parreira, 2013). Elas estão, também, associadas à organização do desenvolvimento cerebral, bem como do desenvolvimento social e cognitivo como um todo, tendo influência e sendo influenciada pelos mesmos (Melo, 2005). É por esse motivo que a regulação tanto da expressão como da percepção das emoções em crianças tem um caráter central, pois influencia diretamente na sua relação com o meio físico e social nos quais elas estão inseridas (Andrade, 2013; Berkovits, Eisenhower, & Blacher, 2017). Mais tarde no desenvolvimento, a expressão de emoções pode auxiliar, também, na possibilidade de reprodução e sobrevivência do indivíduo (Andrade, 2013). Sendo assim, podemos afirmar que as emoções possuem três funções principais: 1 – social, pois transmite informação do estado do indivíduo naquele instante, 2 – adaptativa, pois condiciona fisiológica e comportamentalmente o indivíduo para a ação em resposta à emoção expressa ou percebida, 3 – motivacional, pois há uma relação entre as emoções e os comportamentos motivados (Andrade, 2013).

É necessário se fazer uma diferenciação entre alguns termos por vezes associados ou interpretados como sinônimos. As *emoções* são uma mudança momentânea em função de um estímulo externo ou interno, em um período de tempo curto. A *tendência emocional* diz respeito

à forma de agir e se portar emocionalmente de um indivíduo durante um período estável de tempo, ou seja, qual hábito de resposta emocional de uma pessoa. O *tom emocional de base* são as expectativas da possibilidade de experimentar emoções positivas ou negativas no futuro e pode ter a duração de alguns dias. Por fim, os *sentimentos* são as experiências unicamente subjetivas atreladas às emoções (Andrade, 2013; Izard, 2009).

Classificando as emoções

As emoções podem ser classificadas em dois grupos: as emoções primárias e as emoções secundárias. As emoções primárias ou básicas são essenciais para a sobrevivência, comunicação e desenvolvimento das espécies que as possuem, visto que a interação entre os indivíduos é aprimorada com sua presença. Elas são, também, caracterizadas como universais e ancestrais filogeneticamente e ontogeneticamente falando (Izard, 2009). A emoção primária de alegria é expressada, por exemplo, quando um filhote entra em contato visual com sua mãe ou cuidador principal; já a emoção primária do medo, é expressada na presença de um predador, por exemplo (Darwin, 1872). Quanto à quantidade e quais são as emoções primárias, a grande parte do arcabouço científico atual considera como sendo seis, são elas: alegria, tristeza, raiva, medo, nojo e surpresa (Andrade et al., 2014; Berkowitz et al., 2017; Castilho & Martins, 2012; Ekman & Cordaro, 2011; Leitão, 2015; Machado, Veríssimo, & Denham, 2012; Melo, 2005; Morris et al., 2017; Parreira, 2013; Pons, Harris, & de Rosney, 2004; Rocha et al., 2017; Romani-Sponchiado et al., 2015). Essas emoções, geram um padrão de microexpressões faciais único que acaba por diferenciá-las significativamente umas das outras (Ekman & Cordaro, 2011). A emoção da alegria tem como caracterização um sorriso proveniente do músculo facial zigomático maior, que levanta as bochechas e faz com que os lábios superiores e inferiores se afastem, ocasionando o aparecimento das gengivas e o levantamento das pálpebras. A emoção da raiva se caracteriza pela junção das sobrancelhas, ocasionando um enrugamento no espaço entre as mesmas e com a consequência de um olhar concentrado no objeto que desperta essa

emoção. Há também o afinamento dos lábios e uma abertura intensa das narinas. Na emoção da tristeza, há o levantamento dos cantos internos das sobrancelhas, de modo a uni-las, além do rebaixamento do olhar, com a consequência de que as pálpebras superiores acabam por pender. Há, ainda, o movimento de abaixar os cantos dos lábios e as bochechas aparentam erguer-se e apertar os olhos. A emoção do medo é caracterizada por sobrancelhas erguidas e as pálpebras (tanto superiores, quanto inferiores) tensionadas ao máximo. O maxilar se mantém aberto e a boca se estica em direção às orelhas. A emoção da surpresa se assemelha bastante à emoção do medo, com a diferença de que o maxilar fica sempre aberto ao máximo (Andrade et al., 2013; Ekman & Cordaro, 2011).

As emoções secundárias emergem a partir da interação entre as emoções primárias e as experiências sociais dos indivíduos, dependendo, portanto, de aprendizagem (Parreira, 2013). Conseqüentemente, possuem um caráter social e cognitivo mais evidente, tendo o seu lado ontogenético ainda pouco elucidado. Dentre as emoções secundárias podemos encontrar: ciúme, orgulho, culpa e vergonha (Izard, 2009). Pelo fato de serem aprendidas e necessitarem de um convívio social, não são naturais para crianças, em especial as mais novas (entre 3 e 6 anos de idade) que não têm em seu constructo natural a presença destas. Por outro lado, para essa faixa do desenvolvimento, apenas as emoções primárias são percebidas e distinguidas com eficácia (Machado, Veríssimo, & Denham, 2012). Podemos acrescentar, ainda, que a expressão de emoções em crianças acaba por ser mais facilmente identificada, pois a intensidade em que são expressadas é maior; acredita-se que isso se dá pelo fato de que são novidades e a adequação tanto de intensidade como da intencionalidade de cada emoção em diferentes situações acontece com o convívio social (Band & Weisz, 1988; Darwin, 1872; Harris et al., 1989; Izard, 2009).

Valência das emoções

As emoções podem ser divididas, ainda, em outras duas categorias: emoções positivas e emoções negativas. Esses dois grupos assim se dividem pela semelhança entre os grupos musculares recrutados para a sua expressão. O grupo das expressões primárias positivas, na verdade, é formado apenas pela emoção da alegria e é possível que por essa condição a alegria seja a emoção mais facilmente identificada em todas as fases do desenvolvimento. Já o grupo das emoções primárias negativas é formado pelas emoções do medo, tristeza, surpresa, nojo e raiva e, pelo mesmo raciocínio, as emoções negativas concentram o maior número de erros, principalmente na infância, com relação à sua identificação e diferenciação correta (Izard, 2009; Rocha et al., 2017).

Diferenças culturais e bases biológicas das emoções

As expressões emocionais como parte do processo evolutivo das espécies, principalmente, de mamíferos vem sendo discutida desde o século XIX quando à bordo do Beagle, Charles Darwin observou animais de diferentes espécies e pode perceber que existia a equivalência de expressões, como por exemplo: a fúria manifestada por cães e gatos; a alegria de um cão com o seu dono, assim como das mães de todas as espécies estudadas para com os seus filhotes; a tristeza intensa de macacas pela perda de filhotes, dentre outras. Foi a partir dessas observações que Darwin pode argumentar sobre a equivalência das emoções entre as espécies. Além disso, o naturalista observou povos de diferentes culturas e trocou correspondências com pesquisadores que estudavam sociedades que tiveram pouco ou nenhum contato com europeus e os mesmos constataram que há uma equivalência na expressão das emoções primárias, dessa forma, mostrando que há uma forte base inata na expressão e percepção destas (Castilho & Martins, 2012; Darwin, 1872). Como corroboração dos achados por Darwin e seus colaboradores, Ekman e Friesen (1975), realizaram um estudo com

populações de diversos países, entre eles: Japão, Brasil, Chile, Estados Unidos e Argentina e mostraram que, mesmo com diferenças culturais e de linguagem, as interpretações das emoções eram as mesmas.

Vale salientar que mesmo com a consideração de que as emoções primárias são universais e têm caráter evolutivo forte, diferenças culturais precisam ser levadas em consideração em duas situações. A primeira, as regras de exibição, ou seja, as regras de expressão de emoções em detrimento da ocasião e das regras sociais aplicadas a elas; estas são aprendidas desde a infância e se aperfeiçoam e se modulam durante todo o desenvolvimento. A segunda situação que deve ser considerada é a expressividade em relação ao gatilho, ou seja, a expressão da emoção vai ser modificada em relação ao tipo de evento que a promove, em diferentes culturas, ou seja, o mesmo evento pode estimular emoções diferentes e, até mesmo, opostas (Andrade, 2013; Ekman, Sorenson, & Friesen, 1969; Matsumoto, 1989).

Reconhecimento das emoções

De acordo com Pons (2004), existem nove componentes que podem ser identificados no processo de reconhecimento de emoções em crianças, são eles: reconhecimento, causa externa, desejo, crença, memória, regulação, camuflagem, resposta mista e moral. Esses componentes se apresentam em diferentes faixas etárias e cada um deles possui a sua própria caracterização (Tabela 1).

O proposto por Pons (2004) é uma corroboração dos estudos de Henri Wallon datados das décadas de 1970 e 1980 que falam dos estágios do desenvolvimento da criança. Há uma sequência de estágios que as crianças passam para obter o seu desenvolvimento completo social e cognitivamente. Os estágios são vividos ao longo da infância, ou seja, de acordo com a idade das crianças, porém, é imprescindível levar-se em consideração que o proposto por Wallon foi diretamente influenciado por sua cultura e época, sendo assim, deve-se ter cautela ao comparar

com crianças fora desse contexto. Mesmo assim, é nítida a similaridade com os componentes de Pons, apresentados na última década.

É no estágio do Personalismo de Wallon (1975), por volta dos três anos de idade, que se encontra boa parte dos componentes propostos por Pons (2004). É nesse estágio que a criança começa a entender a diferença entre o “eu” e o “outro”. Uma das fases desse estágio é chamada de fase de oposição, na qual a criança sente a necessidade de firmar sua posição e suas vontades, e que foi chamada por Wallon de fase de recusa e reivindicação, na qual a criança pode se utilizar excessivamente da competição e da mentira para se afirmar como pessoa e exigir que suas vontades sejam aceitas. Na fase da oposição, emergem componentes como a regulação que evidencia que a percepção da criança de suas emoções e das emoções de outras pessoas está se aperfeiçoando e, posteriormente, os componentes de resposta mista e moral, consolidam o caráter social do reconhecimento e da percepção de emoções nessa fase do desenvolvimento.

Tabela 1: Caracterização dos Componentes do Processo de Reconhecimento de Emoções em Crianças de Acordo com Pons (2004).

COMPONENTE	FAIXA ETÁRIA	CARACTERIZAÇÃO	AUTOR(ES)
Reconhecimento	3 anos	Reconhece as emoções básicas através de expressões faciais	Bullock & Russel, 1985
Causa Externa	3 anos	Percebe que o seu entorno pode influenciar nas emoções que eles sentem, como por exemplo, encontrar um amigo e sentir-se feliz ou perder um brinquedo e sentir-se triste	Borke, 1971
Desejo	3 anos	Percebe que dois indivíduos diferentes, frente à mesma situação, podem expressar diferentes emoções, baseadas em seus desejos distintos	Yuill, 1984
Memória	3 anos	Entende que há uma forte relação entre a memória e as emoções, por exemplo, quando veem que o tempo em que uma situação foi vivenciada influencia na intensidade da emoção associada a ela	Harris, 1983
Crença	4 anos	Entende que as pessoas expressam emoções baseadas em suas crenças, são elas que determinarão como os indivíduos se comportam em cada situação vivenciada	Harris et al., 1989

Camuflagem	4 anos	Percebe que pode-se sentir uma emoção e expressar outra que não está sendo sentida naquele momento	Saarni, 1979
Regulação	6 anos	Aprende que as suas emoções podem ser controladas e isso vai se aperfeiçoando com o passar do tempo	Band & Weisz, 1988
Resposta Mista	8 anos	Percebe que uma pessoa pode responder emocionalmente a uma situação de diversas formas, incluindo formas contraditórias	Harris, 1983
Moral	8 anos	Percebe que suas emoções são moralmente enviesadas, atitudes moralmente condenáveis despertam emoções negativas, enquanto que atitudes louváveis moralmente despertam emoções positivas	Nunner-Winkler & Sodian, 1988

Ambiente familiar e as emoções

Como primeiro ambiente social em que uma criança é inserida, a família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades emocionais; do mesmo modo, as emoções expressadas pela criança atuam como um regulador do comportamento dos cuidadores, como por exemplo, a expressão do medo ou tristeza que indicam para o cuidador que a criança necessita de proteção, já a expressão da alegria, indica para o cuidador que a criança deseja manter vínculo com o mesmo (Andrade, 2013). As crianças com pais extremamente severos e controladores acabam por ter dificuldades na regulação emocional, por terem pais que utilizam do controle psicológico para inibirem a individualidade de seus filhos e, conseqüentemente, sua autonomia psicológica, social e emocional; por outro lado filhos de pais extremamente permissivos acabam por não lidar com frustração ou emoções negativas e, conseqüentemente, têm sua regulação emocional afetada (Morris et al., 2017). Concomitante com o controle psicológico feito pelos pais, o fato de não estarem inseridas em um ambiente rico em experimentação emocional, ou seja, o constante exercício de perceber e expressar diferentes emoções, acaba por influenciar um desenvolvimento saudável da infância (Morris et al., 2017).

Considerações finais

Muito se fala da importância da interação social, principalmente, em uma sociedade nos moldes do século XXI, em que o avanço tecnológico aproxima os indivíduos que estão separados por distâncias continentais, mas separa os indivíduos que estão à distância do olhar um do outro. É por esse motivo que estratégias comportamentais como as emoções são vistas como primordiais na manutenção da vida em grupo durante todo o desenvolvimento. É a partir do conhecimento, diferenciação e expressão correta das emoções que as habilidades sociais, cognitivas e comportamentais dos indivíduos se veem completas e aprimoradas. Nesse sentido, ambientes ricos em experimentação de todas as emoções são importantes para o desenvolvimento das crianças, sendo essa uma responsabilidade, prioritariamente, dos pais e cuidadores principais por representarem o primeiro ambiente de socialização dos mesmos.

Referências bibliográficas

Alcock, J. (2009) *Animal Behavior - An Evolutionary Approach*. Cambridge: Sinauer & Associates.

Almeida, L. R. (2014). A questão do eu e do outro na psicogenética walloniana. *Estudos de Psicologia*, 31(4), 595-604. doi: 10.1590/0103-166x2014000300013.

Andrade, N. C. (2013). *Adaptação transcultural e validação do teste de conhecimento emocional: Um novo instrumento para avaliação neuropsicológica das emoções em crianças* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Salvador, Bahia, Brasil.

Andrade, N. C., Abreu, N. S., Duran, V. R., Veloso, T. J., & Moreira, N. A. (2013). Reconhecimento de expressões faciais de emoções: Padronização de imagens do teste de conhecimento emocional. *Psico*, 44(3), 382-390.

Andrade, N. C., Abreu, N., Menezes, I., Mello, C. B., Duran, V. R., & Moreira, N. A. (2014). Adaptação transcultural do teste de conhecimento emocional: Avaliação neuropsicológica das emoções. *Psico, 19*(2), 297-306.

Band, E. B. & Weisz, J. R. (1988). How to feel better when it feels bad: Children's perspectives on coping with everyday stress. *Developmental Psychology, 24*(2), 247-253.

Berkovits, L., Eisenhower, A., & Blacher, J. (2017). Emotion Regulation in Young Children with Autism Spectrum Disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorder*. doi: 10.1007/s10803-016-2922-2

Borke, H. (1971). Interpersonal perception of young children: Egocentrism or empathy? *Developmental Psychology, 5*(2), 263-269.

Bullock, M. & Russel, J. A. (1985). Further evidence on preschoolers' interpretation of facial expressions. *International Journal of Behavioral Development, 8*, 15-38.

Castilho, F. M. & Martins, L. A. P. (2012). As concepções evolutivas de Darwin sobre a expressão das emoções no homem e nos animais *Revista da Biologia, 9*(2), 12-15. doi: 10.7594/revbio.09.02.03

Darwin C. (1872) *The expression of the emotions in man and animals*. London: John Murray.

Dunbar, R. I. M. (1998). The social brain hypothesis. *Evolutionary Anthropology, 178-190*.

Dunbar, R. I. M. (1993). Coevolution of neocortical size, group size and language in humans. *Behavioral and Brain Sciences, 16*, 681-735.

Ekman, P., Sorenson, E. R., & Friesen, W. V. (1969). Pan-Cultural Elements in Facial Displays of Emotion. *Science, 164*, 86-88.

Ekman, P. & Friesen, W. V. (1975). *Unmasking the face: A guide to recognizing emotions from facial clues*. Oxford, England: Prentice-Hall.

Ekman, P. & Cordaro, D. (2011). What is Meant by Calling Emotions Basic. *Emotion Review*, 3(4), 364-370. doi: 10.1177/1754073911410740

Halberstadt, A. G., Denham, S. A., & Dunsmore, J. C. (2001). Affective social competence. *Social Development*, 10, 79-119.

Harris, P. L. (1983). Children's understanding of the link between situation and emotion. *Journal of Experimental Child Psychology*, 36, 490-509.

Harris, P. L., Johnson, C. N., Hutton, D., Andrews, G., & Cooke, T. (1989). Young children's theory of mind and emotion. *Cognition & Emotion*, 3(4), 379-400. doi: 10.1080/02699938908412713

Izard, C. E. (2009). Emotion theory and research: Highlights, unanswered questions, and emerging issues. *Annual Review of Psychology*, 60(1), 1-25. doi: 10.1146/annurev.psych.60.110707.163539.

Leitão, M. B. P. (2015). *Efeito das características infantis sobre a cooperação: Análise ontogenética por uma perspectiva evolucionista* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

Machado, M. P., Veríssimo, M., & Denham, S. (2012). O teste de conhecimento das emoções para crianças de idade pré-escolar. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación - e Avaliação Psicológica*, 2(34), 202-222.

Matsumoto, D. (1989). Cultural influences on the perception of emotion. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 20(1), 92-105.

Melo, A. I. M. T. (2005). *Emoções no período escolar: estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Braga, Minho, Portugal.

Morris, A. S., Criss, M. M., Silk, J. S., & Houlberg, B. J. (2017). The Impact of Parenting on Emotion Regulation During Childhood and Adolescence. *Child Development Perspectives, 11*(4), 233-238. doi: 10.1111/cdep.12238

Nunner-Winkler, G. & Sodian, B. (1988). Children's understanding of moral emotions. *Child Development, 59*(5), 1323-1338.

Parreira, T. A. P. (2013). *Empatia e reconhecimento de emoções: O efeito do género e a relação da empatia com o alvo*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Algarve, Faro, Algarve, Portugal.

Pons, F., Harris, P. L., & Rosnay, M. (2004). Emotion comprehension between 3 and 11 years: Developmental periods and hierarchical organization. *European Journal of Developmental Psychology, 1*(2), 127-152. doi: 10.1080/17405620344000022

Roberts S. C. (2012) *Applied Evolutionary Psychology*. New York: Springer.

Rocha, J. S. A., Silva, A. I., R. Aguiar, C. S., Torro-Alves, N., & Souza, W. C. (2017). A influência da intensidade emocional no reconhecimento de emoções em faces por crianças brasileiras. *Universitas Psychologica, 15*(5). doi: 10.11144/Javeriana.upsy15-5.iiier

Romani-Sponchiado, A., Sanvincente-Vieira, B., Mottin, C., Hertzog-Fonini, D., & Arteché, A. (2015). Child Emotions Picture Set (CEPS): Development of a database of children's emotional expressions. *Psychology & Neuroscience, 8*(4), 467-478. doi: 10.1037/h0101430

Saarni, C. (1979). Children's understanding of display rules for expressive behavior. *Developmental Psychology, 15*(4), 424-429.

Wallon, H. (1975) *Psicologia da Educação e da Infância*. Lisboa: Editorial Estampa.

Yuill, N. (1984). Young children's coordination of motive and outcome in judgements of satisfaction and morality. *British Journal of Developmental Psychology, 2*, 73-81.

Reconhecimento de emoções em crianças

Silveira, L. G. S.^{1,2}, Castro, F. N.^{2,3}, & Lopes, F. A.^{2,3}

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). gomes.lara.s@gmail.com

²Laboratório de Evolução do Comportamento Humano (UFRN). Programa de Pós-graduação em Psicobiologia (UFRN).

³Departamento de Fisiologia e Comportamento, Centro de Biociências, (UFRN).

Informações sobre o periódico que o manuscrito será submetido:

- Periódico: Temas em Psicologia

- Classificação: A2

Resumo

Por ser um animal altamente social, o ser humano utiliza de estratégias comportamentais para o melhoramento das interações sociais. Esse é o caso das emoções, definidas como mecanismos de resposta rápida e que carregam informações tanto para o indivíduo que as expressa, como para o indivíduo que as percebe. O objetivo principal deste trabalho foi compreender o desenvolvimento da percepção de emoções na infância. A coleta de dados foi realizada no município de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. A amostra teve um total de 153 participantes, meninos e meninas, distribuídos em três grupos etários (grupo 1: 5 e 6 anos, grupo 2: 7 e 8 anos e grupo 3: 9 e 10 anos), estudantes de uma escola municipal e uma escola particular. Para a avaliação da percepção de emoções das crianças, foi apresentado um teste composto por 3 imagens de indivíduos expressando cada uma das 6 emoções básicas e, a cada imagem, o participante tinha de dizer qual emoção foi expressada na imagem. Foi observado que a idade da criança influencia na capacidade de reconhecer emoções, diferentemente do sexo que, em crianças pertencentes à mesma faixa etária, não influencia na percepção de emoções. Nossas análises contribuem para a afirmação de que o reconhecimento de emoções se aprimora com a convivência social e as experiências que são adquiridas com o amadurecimento individual.

Palavras-chave: Desenvolvimento; Infância; Percepção de emoções; Evolução Humana.

Abstract

Because it is a highly social animal, the human being uses behavioral strategies for the improvement of social interactions. This is the case of emotions, defined as quick response mechanisms that carry information both for the individual who expresses them, and for the individual who perceives them. The main objective of this work was to understand the development of the perception of emotions in childhood. Data collection was carried out in the

city of Natal, Rio Grande do Norte, Brazil. The sample had a total of 153 participants, boys and girls, divided into three age groups (1: 5 and 6 years, group 2: 7 and 8 years and group 3: 9 and 10 years), students of a municipal school and a private school. For the evaluation of children's perception of emotions, a test was presented consisting of 3 images of individuals expressing each of the 6 basic emotions and, in each image, the participant had to say what the correct emotion was expressed in the image. It was observed that the child's age influences the ability to recognize emotions, unlike the gender that, in children belonging to the same age group, does not influence the perception of emotions. Our analysis contributes to the affirmation that the recognition of emotions improves with the social life and the experiences that are acquired with the individual maturation.

Keywords: Development; Childhood; Perception of emotions; Human Evolution.

Introdução

As emoções são fenômenos individuais, altamente complexos que podem ter sua motivação primariamente fisiológica, social e/ou cognitiva. Essa estratégia comportamental pode ser observada em diferentes grupos animais e possui um importante caráter na comunicação inter e intragrupos, além de influenciar a reprodução e a sobrevivência das espécies (Andrade et al., 2013; Darwin, 1872). Além disso, as emoções são compreendidas como mecanismos que auxiliam o indivíduo a tomar decisões rápidas e a se comunicar de forma verbal ou não-verbal com os outros, através de expressões faciais, gestos e, até mesmo, o tom de voz (Parreira, 2013; Rocha et al., 2017).

As emoções se dividem, primeiramente, em dois grupos: o grupo das emoções primárias e o grupo das emoções secundárias. As emoções primárias ou básicas são definidas por serem universais, além de serem observadas em outros animais, terem duração limitada e serem ativadas de maneira rápida e padronizada, com uma leve variação atribuída às experiências

peçoais e ao padrão social no qual o indivíduo está inserido (Andrade et al., 2013; Ekman & Cordaro, 2011; Izard, 2009). O caráter universal das emoções primárias foi, primeiramente, observado e estudado por Darwin (1872) em contribuição com naturalistas e outros profissionais e entusiastas da época. Essas pessoas tiveram contato com populações de diferentes países e culturas – em sua maioria, que não tiveram contato com europeus – e foi percebido que a expressão e a percepção desse grupo de emoções se mantinha da mesma forma, com pequenas variações quanto à intensidade e aos eventos que as despertavam, sendo essas diferenças atribuídas às normas sociais. Devido a essas observações e à equivalência das emoções expressas por outros grupos animais, é possível se dizer que elas possuem um caráter evolutivo e inato forte.

As emoções básicas, são: alegria, tristeza, medo, surpresa, nojo e raiva (Ekman & Friesen, 1969). Estas, se dividem, ainda, quanto às suas valências. As emoções de valência positiva e negativa assim se dividem de acordo com suas microexpressões faciais. Dentre as emoções de valência negativa (tristeza, medo, surpresa, nojo e raiva) há a utilização de grupos musculares mais próximos e, por isso, a diferenciação entre elas pode ser mais difícil para crianças mais novas em que a percepção ainda está sendo ajustada. O grupo das emoções de valência positiva é formado unicamente pela alegria, pois os grupos musculares diferem significativamente dos grupos recrutados nas emoções negativas, o que resulta em a alegria ser melhor identificada e percebida (Andrade, 2013; Andrade et al., 2013; Izard, 2009).

O grupo das emoções secundárias tem o seu caráter social e cognitivo mais forte, pois, estas dependem do aprendizado e, assim, da convivência em grupo. Suas bases ontogenéticas são pouco conhecidas e abordadas (Parreira, 2013). Nesse grupo, podemos citar: ciúme, orgulho, culpa e vergonha (Izard, 2009; Parreira, 2013). Pelo fato de serem aprendidas e necessitarem de um convívio social, não são naturais para crianças. Nesse período do

desenvolvimento, apenas as emoções primárias são percebidas (Machado, Veríssimo, & Denham, 2012).

Influência do sexo e da idade na percepção de emoções

Quando falamos em percepção e reconhecimento de emoções, investigar a diferença entre os sexos aparece como um caminho interessante para a elucubração de como essa habilidade se aperfeiçoa ao longo do desenvolvimento. Essa é uma questão antiga no que circunda a questão das emoções, sendo discutido desde a década de 80 do século passado quanto a se existiriam diferenças significativas entre os sexos, como é o caso do estudo de Rotter (1988) no qual as mulheres perceberam melhor as emoções expressas tanto por homens, quanto por mulheres. Outro dado relevante é que, ainda para adultos, as mulheres conseguem perceber com acurácia as emoções expressas independentemente do sexo; já para homens, o maior índice de acerto se dá quando as emoções são expressas por mulheres, com exceção do medo, que os homens percebem melhor quando essa emoção é expressada por outros homens (Parreira, 2013).

Vale salientar que os estudos citados anteriormente têm como objeto de estudo os adultos. Em estudos com crianças foi observado que não há diferença entre os sexos na capacidade de reconhecer as emoções apresentadas (Andrade, 2013; Berkovits, Eisenhower, & Blancher, 2017; Rocha et al., 2017). Apenas no estudo de Proverbio et al. (2007) os autores relataram o padrão de reconhecimento de emoções observado em adultos nas crianças, em que meninas apresentam maior índice de acerto no reconhecimento das emoções expressas por meninos e meninas (Proverbio et al., 2007).

Diante do exposto, o objetivo principal deste trabalho é caracterizar a percepção de emoções na infância. Pretendemos ainda, identificar a influência da faixa etária na identificação de emoções, bem como verificar a influência dos sexos na capacidade de identificação de

emoções. Temos duas hipóteses: a primeira é de que há diferença na capacidade de crianças em reconhecer emoções de acordo com a idade, em que crianças mais velhas apresentam melhor reconhecimento de emoções do que crianças mais novas; a segunda de que o sexo da criança não influencia a capacidade de reconhecer emoções, ou seja, meninos e meninas, da mesma idade, apresentam igual capacidade de reconhecer emoções.

Materiais e métodos

Aspectos éticos

O presente estudo foi devidamente submetido e aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFRN (parecer nº 2.649.938). Para participação efetiva na pesquisa, todos os responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como todas as crianças assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), conforme orientações da resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Local de estudo e participantes

A coleta de dados foi realizada no município de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. Participaram do estudo 153 crianças, distribuídas em três grupos etários, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição da Amostra por Grupo Etário, Sexo e Tipo de Escola

	Escola Pública		Escola Privada	
	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos
Grupo 1 (5 e 6 anos de idade)	6	13	11	11
Grupo 2 (7 e 8 anos de idade)	12	5	13	17
Grupo 3 (9 e 10 anos de idade)	11	9	23	22

As crianças foram recrutadas, após autorização da direção das escolas, uma da rede pública e outra da rede privada, bem como dos responsáveis pelas crianças, através da apresentação do projeto nas salas de aula. A coleta foi realizada individualmente a partir da utilização de questionários e um teste empírico.

Instrumentos

Utilizamos, para realização de nossa pesquisa, um questionário sociodemográfico e um teste empírico. No sociodemográfico, foi possível ter acesso a questões sobre o nível socioeconômico da família da criança, a sua condição de moradia e histórico de saúde familiar, além de questões sobre a escolaridade dos pais e situações críticas as quais as crianças podem ter passado nos últimos tempos. Esses aspectos foram investigados a fim de estabelecer um perfil do contexto de criação e educação familiar em que a criança se encontra.

Para a avaliação da percepção de emoções dos alunos, foi feito um teste no qual utilizamos o banco de dados “CEPS - *Child Emotion Picture Set Database*”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Neurociência Afetiva e Transgeracionalidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, e que foi disponibilizado pela Dr^a Adriane Arteche e a Ms Aline Romani Sponchiado. Antes do início de cada teste, era retomado com a criança o conceito de emoção e quais são as seis emoções básicas. Feito isso, foram apresentadas (através de um computador), para cada criança, imagens de indivíduos expressando cada uma das seis emoções básicas. Para cada uma das seis emoções existiam três fotos, havendo o aumento da intensidade das expressões da primeira para a terceira imagem; esse cuidado foi tomado para que a valência ecológica da expressão se mantivesse, já que intensidades muito altas se distanciam das experiências sociais reais (Rocha et al., 2017). Quando a criança percebia corretamente a emoção expressa, passávamos para a emoção seguinte; caso a percepção não fosse correta, era apresentada a segunda imagem da mesma emoção e caso não acertasse mesmo

assim, passaríamos para a terceira imagem daquela emoção, sendo esta a última tentativa para identificação daquela emoção. Caso não houvesse êxito, passávamos para a próxima emoção. No registro das respostas das crianças, optamos por incluir uma opção denominada “erro” que foi utilizada quando a criança observava a foto e se referia à emoção que estava sendo expressa sem contemplar uma das seis emoções básicas.

As imagens utilizadas do CEPS foram selecionadas de acordo com: a melhor padronização da posição dos modelos, a maior intensidade das emoções expressadas e melhor nitidez da imagem, a minimização da repetição dos modelos das imagens. A ordem de apresentação das imagens para os participantes foi aleatorizada de modo a não criar um viés na facilidade na percepção das emoções nas imagens. Acreditamos importante, também, apresentar imagens dos dois sexos e de diferentes etnias para aleatorizar o nosso teste, bem como, haver uma representatividade maior de nossa sociedade.

Análise dos dados

Para testar as hipóteses, inicialmente foram realizados testes de Kolmogorov-Smirnov para verificar se os dados assumiam uma distribuição normal. Como os dados não apresentaram distribuição normal, foram realizados testes não paramétricos de Kruskal-Wallis (quando comparados todos os três grupos) e Mann-Whitney (quando comparados dois grupos isolados) através do programa de estatística IBM SPSS Statistics 25 para testar a influência da idade na capacidade de reconhecer emoções e a influência do sexo no reconhecimento das emoções. Foi adotado um nível de significância de 5% nas análises.

Para calcularmos a pontuação no Teste de Percepção de emoções, atribuímos pontuações distintas para os acertos em função da ordem da foto em que a criança conseguiu reconhecer corretamente a emoção expressa, obtendo assim, uma pontuação individual para cada emoção. Caso o acerto fosse feito na primeira foto, a criança teria 1 ponto, caso o acerto

fosse feito na segunda foto, a criança teria 0,5 ponto, caso o acerto fosse feito na terceira foto, a criança teria 0,25 ponto para aquela emoção.

Resultados

Podemos observar, a partir de uma análise exploratória de nossos dados, que o índice de acertos da emoção de alegria foi bastante alto (97,38%), enquanto que a emoção de nojo apresentou o índice mais baixo de acerto (74,5%). É interessante a observação de que, quando consideramos apenas os acertos da primeira foto apresentada, a alegria se mantém com um índice alto (95,42%), enquanto que o nojo cai consideravelmente (28,10%). E ainda, enquanto que apenas 28,10% das crianças acertou na primeira foto a emoção do nojo, 49,67% delas, confundiu essa emoção com a emoção da raiva, nesta mesma foto. Mais um dado a se levar em consideração é que 32,02% das crianças não souberam classificar essa como uma das 6 emoções básicas (Figuras 1 e 2). As demais emoções obtiveram taxas de respostas similares, por isso, optamos por evidenciar apenas as duas emoções supracitadas.

Ao compararmos os três grupos de crianças de diferentes faixas etárias observamos, de uma forma geral, uma diferença significativa na capacidade de reconhecer emoções ($\chi^2(2) = 8,982$; $p < 0,05$). Ao detalharmos a comparação entre os grupos etários, encontramos diferença significativa apenas entre o grupo 1 e o grupo 3 ($U = 868,500$; $p < 0,05$). Quando comparamos os grupos de idades mais próximas, não há diferença significativa entre a capacidade de reconhecer emoções entre o grupo 1 (5 e 6 anos) e o grupo 2 (7 e 8 anos) ($U = 761,000$; $p > 0,05$) ou entre o grupo 2 e o grupo 3 (9 e 10 anos) ($U = 1335,500$; $p > 0,05$) (Figura 3).

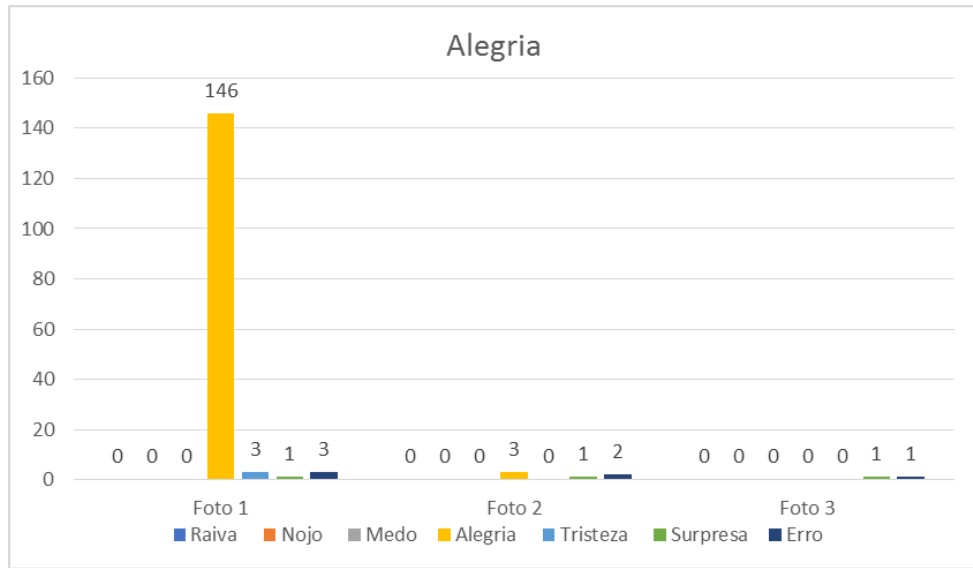


Figura 1: Respostas do Teste de Percepção de Emoções para a emoção Alegria. No eixo Y estão apresentadas as respostas de cada criança para essa emoção e no eixo X estão apresentadas as fotos correspondentes a essas respostas. As cores diferentes indicam cada uma das seis emoções como mostrado na legenda.

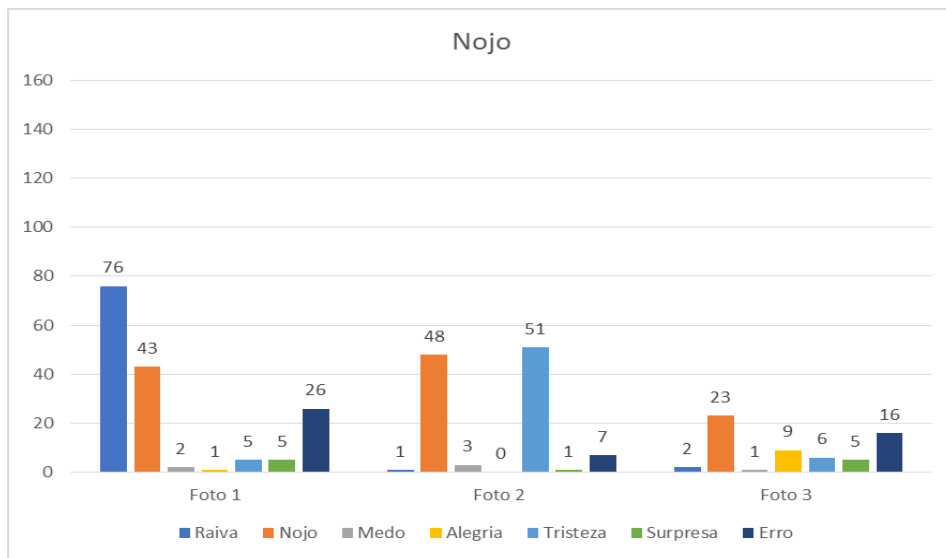


Figura 2: Respostas do Teste de Percepção de Emoções para a emoção Nojo. No eixo Y estão apresentadas as respostas de cada criança para essa emoção e no eixo X estão apresentadas as fotos correspondentes a essas respostas. As cores diferentes indicam cada uma das seis emoções como mostrado na legenda.

No que se refere à comparação entre os sexos, não foi observada diferença na capacidade de reconhecer emoções entre meninos e meninas, da mesma idade em nenhum dos 3 grupos (grupo 1: $U = 173,000$; $p > 0,05$; grupo 2: $U = 193,500$; $p > 0,05$; grupo 3: $U = 443,000$; $p > 0,05$) (Figura 4).

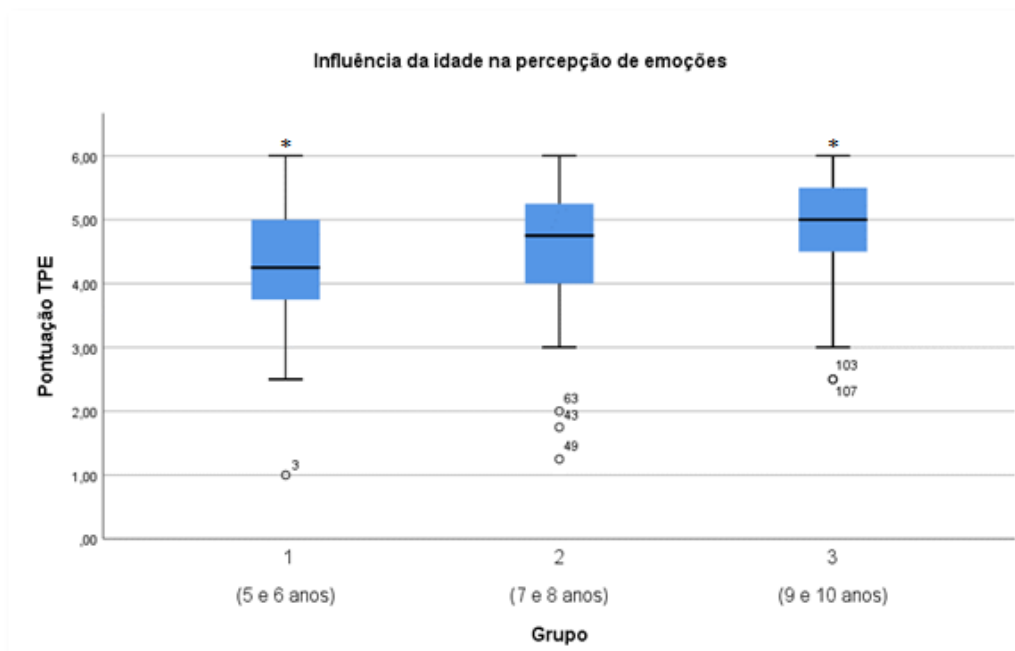


Figura 3: Box-plots comparando as medianas da pontuação no Teste de Percepção de Emoções dos três grupos etários: grupo 1 - crianças de 5 e 6 anos, grupo 2 - crianças de 7 e 8 anos e grupo 3 - crianças de 9 e 10 anos. Os números fora dos box-plots indicam a presença de outliers nos três grupos etários. Os asteriscos indicam diferença significativa entre os grupos sinalizados.

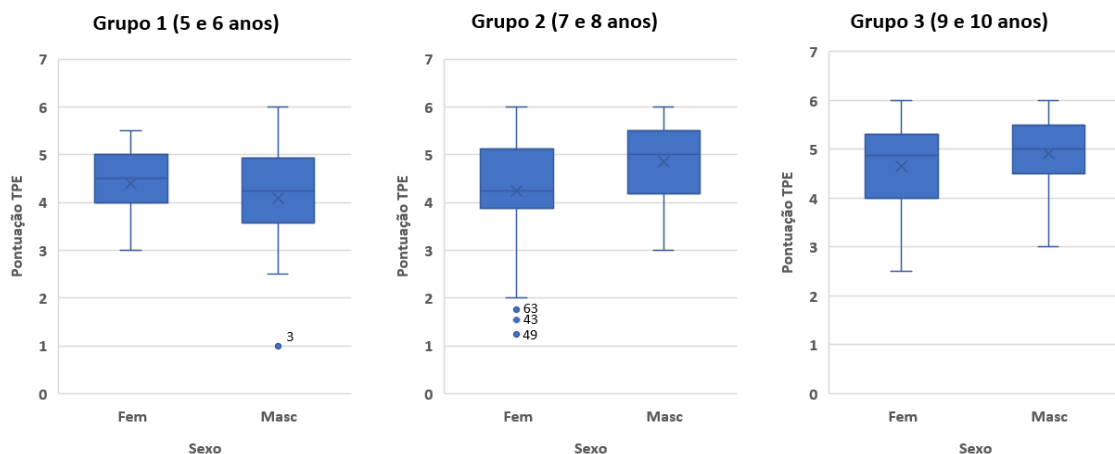


Figura 4: Box-plots comparando as medianas da pontuação no Teste de Percepção de Emoções de meninos e meninas, dentro de cada grupo: Grupo 1 (5 e 6 anos), Grupo 2 (7 e 8 anos) e Grupo 3 (9 e 10 anos). Os números fora dos box-plots indicam a presença de outliers.

Discussão

O objetivo central do presente trabalho foi compreender o reconhecimento de emoções na infância. O mesmo foi atingido quando os resultados mostraram que as hipóteses do trabalho foram corroboradas: crianças mais velhas percebem melhor as emoções que crianças mais novas e o sexo acaba por não exercer influência na percepção das emoções, em crianças da mesma idade.

Com estes resultados, podemos começar a entender o que os mesmos representam para a ciência e evolução de nossa espécie. Ao longo da infância, experiências e trocas sociais acabam por acontecer e estas fazem com que o nosso arcabouço emocional aumente; dessa forma, é natural que a idade de um indivíduo oriente a sua capacidade de perceber o mundo ao seu redor (Andrade, 2013; Bullock & Russel, 1984). Há uma sequência de estágios que as crianças passariam para obter o seu desenvolvimento completo social e cognitivamente. Os estágios seriam vividos ao longo da infância, ou seja, de acordo com a idade das crianças (Wallon, 1975). É no estágio do Personalismo de Wallon (1975) que a criança começa a entender a diferença entre o “eu” e o “outro”. Uma das fases desse estágio é chamada de fase de oposição, na qual a criança sente a necessidade de firmar sua posição e suas vontades, e que foi chamada de fase de recusa e reivindicação, na qual a criança pode se utilizar excessivamente da competição e da mentira para se afirmar como pessoa e exigir que suas vontades sejam aceitas. O nosso segundo grupo, ou seja, crianças na faixa etária dos 7 anos de idade se incluem nessa fase, o que explicaria a distinção desse grupo para com os outros dois. Mesmo com idades tão próximas aos demais grupos, as crianças do Grupo 2 (7 e 8 anos) se encontram em uma fase de afirmação e percepção de sua individualidade. Concomitante a esses estágios há o refinamento do reconhecimento das emoções (Andrade, 2013; Bullock & Russel, 1984). É importante enfatizar que a nossa coleta foi realizada em escolas e há uma percepção clara de que, no decorrer do período escolar, ou seja, ao passo que as crianças vão ficando mais

velhas e avançando nas séries escolares, a identificação das emoções primárias acaba por se aperfeiçoar (Andrade, 2013).

Um ponto interessante a ser colocado é o fato da percepção diferencial entre as idades (Melo, 2005), ou seja, para crianças mais velhas algumas emoções, além do seu significado literal, trazem significados mnemônicos advindos de suas experiências pessoais, o que foi traduzido na necessidade de exemplificação de cada emoção apresentada no TPE por parte dos participantes (principalmente do Grupo 3), diferentemente do que ocorria com as crianças mais novas (principalmente pertencentes ao Grupo 1), em que esse comportamento não foi observado.

Para a nossa segunda hipótese, temos alguns estudos que demonstram o contrário de nossos achados: os mesmos mostram que mulheres pontuam mais alto na percepção de emoções que homens (Parreira, 2013; Proverbio, 2007), porém, tais estudos têm como objeto de estudo, adultos. O que hipotetizamos que acontece para que haja essa diferença entre os resultados citados é que o recorte no desenvolvimento não é o mesmo, o que acarreta resultados distintos, como o evidenciado por McClure (2000) em que foi observado não haver diferenças entre os sexos para o reconhecimento de emoções através de expressões faciais em crianças.

Ao longo do crescimento de um indivíduo, questões sociais vão sendo impostas de acordo com o sexo biológico do mesmo. Essas questões sociais ditam, inclusive, a competitividade e o papel que deve ser empenhado frente aos grupos. Dessa forma, não podemos ignorar que este é um fator que exerce influência sobre a percepção de emoções já que, historicamente, o papel de perceber, cuidar e se importar com as emoções do seu entorno é, majoritariamente, feminino (Eisenber & Lennon, 1983). Sob o ponto de vista da Psicologia Evolucionista, os diferentes papéis exercidos ao longo da evolução geraram pressões seletivas únicas para cada um dos sexos, o que resultou em estratégias comportamentais e características cognitivas distintas. Porém, aparentemente, essas características são desenvolvidas e

apresentadas ao longo do desenvolvimento, aparecendo de forma gradativa para as crianças e se fixando com o despertar da maturação sexual, ou seja, no início da puberdade (Menezes et al., 2010). Podemos afirmar que, evolutivamente, apresentar igual capacidade de reconhecer emoções, para crianças, traria vantagens principalmente no estreitamento do vínculo com os cuidadores de forma igual, aumentando a sua chance de sobrevivência e coalizão com o grupo pertencente (Almeida, 2017; Pavarino, Del Prette, & Del Prette, 2005).

A nossa análise exploratória de dados nos mostrou alguns pontos que são sustentados pela bibliografia utilizada, por exemplo, a alegria ser a emoção com mais acertos, já que essa é a única emoção primária de valência positiva, tornando a sua identificação e diferenciação das outras emoções, mais fácil. Assim como, a emoção do nojo ter o seu nível de acerto mais baixo, já que se trata de uma emoção primária de valência negativa e esse grupo apresentar uma dificuldade maior de diferenciação já que outras cinco emoções se encaixam nele, o que também converge com a confusão feita entre essa emoção e a emoção da raiva, também pertencente ao grupo das emoções de valência negativa e que utiliza de grupos musculares iguais ou similares à emoção do nojo (Andrade, 2013; Andrade et al., 2013; Izard, 2009).

Considerações finais

O reconhecimento de emoções em crianças é uma característica inata aperfeiçoada com o crescimento dos indivíduos, como mostram os nossos resultados. Mesmo sendo influenciada pela idade, essa habilidade se apresenta desde o início do desenvolvimento dos seres humanos e tem como principal vantagem o estreitamento dos vínculos, seja com os pais (principalmente nos primeiros momentos de vida), ou com a sociedade extra-familiar.

Por se tratar de um resultado incongruente com parte da literatura do tema, é importante o aprofundamento na investigação da influência do sexo no reconhecimento de emoções ao

longo do desenvolvimento, para que possa ser traçado um paralelo entre os nossos resultados com crianças e os resultados com adultos de sexos diferentes.

Além disso, nossa análise exploratória dos dados nos mostraram a necessidade de estudos que se aprofundem mais nas diferenças entre as emoções de valência negativa e seu reconhecimento no que diz respeito ao valor evolutivo das mesmas, afinal, a confusão entre emoções como raiva e nojo poderiam impactar na sobrevivência de um grupo, por exemplo.

O reconhecimento de emoções tem implicações sociais e afetivas. Desta forma, compreender como essa característica se mostra na infância pode ser de grande valia para a sociedade e o meio acadêmico como um todo, sendo adequado frisar que novos estudos, com uma amostra maior, com diferentes fases do desenvolvimento podem possibilitar um entendimento mais completo acerca do tema.

Referências bibliográficas

Almeida, J. S. (2017). *Material didático para o ensino aprendizagem das cinco emoções básicas e desenvolvimento da empatia*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Andrade, N. C. (2013). *Adaptação transcultural e validação do teste de conhecimento emocional: Um novo instrumento para avaliação neuropsicológica das emoções em crianças* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil.

Andrade, N. C., Abreu, N. S., Duran, V. R., Veloso, T. J., & Moreira, N. A. (2013). Reconhecimento de expressões faciais de emoções: Padronização de imagens do teste de conhecimento emocional. *Psico*, 44(3), 382-390.

Andrade, N. C., Abreu, N., Menezes, I., Mello, C. B., Duran, V. R., & Moreira, N. A. (2014). Adaptação transcultural do teste de conhecimento emocional: Avaliação

neuropsicológica das emoções. *Psico*, 19(2), 297-306. doi: 10.1590/1413-82712014019002001

Berkovits, L., Eisenhower, A., & Blacher, J. (2017). Emotion Regulation in Young Children with Autism Spectrum Disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorder*. doi: 10.1007/s10803-016-2922-2

Bullock, M. & Russel, J. A. (1985). Further evidence on preschoolers' interpretation of facial expressions. *International Journal of Behavioral Development*, 8, 15-38.

Darwin C. (1872). *The expression of the emotions in man and animals*. London: John Murray.

Eisenberg, N. & Lennon, R. (1983) Sex Differences in Empathy and Related Capacities, *Psychological Bulletin*, 94(1), 100-131.

Ekman, P., Sorenson, E. R., & Friesen, W. V. (1969). Pan-Cultural Elements in Facial Displays of Emotion. *Science*, 164, 86-88.

Ekman, P., & Cordaro, D. (2011). What is Meant by Calling Emotions Basic. *Emotion Review*, 3(4), 364-370. doi: 10.1177/1754073911410740

Izard, C. E. (2009). Emotion theory and research: Highlights, unanswered questions, and emerging issues. *Annual Review of Psychology*, 60(1), 1-25. doi: 10.1146/annurev.psych.60.110707.163539.

Machado, M. P., Veríssimo, M., & Denham, S. (2012), O teste de conhecimento das emoções para crianças de idade pré-escolar. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación - e Avaliação Psicológica*, 2(34), 202-222.

McClure, E. B. (2000) A Meta-Analytic Review of Sex Differences in Facial Expression Processing and Their Development in Infants, Children, and Adolescents. *Psychological Bulletin*, 126(3), 424-453. doi: 10.1037//0033-2909.126.3.424

Melo, A. I. M. T. (2005). *Emoções no período escolar: estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Braga, Minho, Portugal.

Menezes, A. B. C, Brito, R. C. S., Figueira, R. A., Bentes, T. F., Monteiro, F. E. & Santos, M. C. (2010). Compreendendo as diferenças de gênero a partir das interações livres no contexto escolar. *Estudos de Psicologia*, 15(1), 79-87.

Parreira, T. A. P. (2013). *Empatia e reconhecimento de emoções: O efeito do gênero e a relação da empatia com o alvo* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Algarve, Faro, Algarve, Portugal.

Pavarino, M. G., Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, 36(2), 127-134

Roberts S. C. (2012). *Applied Evolutionary Psychology*. New York: Springer.

Rocha, J. S. A., Silva, A. I., R., Aguiar, C. S., Torro-Alves, N., & Souza, W. C. (2017). A influência da intensidade emocional no reconhecimento de emoções em faces por crianças brasileiras. *Universitas Psychologica*, 15(5). doi: 10.11144/Javeriana.upsy15-5.iiier

Rotter, N. G. & Rotter, G. S. (1988)., Sex differences in the encoding and decoding of negative facial emotions. *Journal of Nonverbal Behavior*, 12(2), 139-148.

Wallon, H. (1975) *Psicologia da Educação e da Infância*. Lisboa: Editorial Estampa.

Empatia: Olhar o outro dentro de mim

Silveira, L. G. S.^{1,2} & Lopes, F. A.^{2,3}

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). gomes.lara.s@gmail.com

²Laboratório de Evolução do Comportamento Humano (UFRN). Programa de Pós-graduação em Psicobiologia (UFRN).

³Departamento de Fisiologia e Comportamento, Centro de Biociências, (UFRN).

Informações sobre o periódico que o manuscrito será submetido:

- Periódico: Psicologia USP
- Classificação: A2 (Psicologia)

Resumo

Desde o início do desenvolvimento de humanos e alguns animais não-humanos, tem-se o desenvolvimento do que chamamos de empatia, uma percepção emocional e comportamental diante das emoções do outro. A empatia é uma habilidade socioemocional que tem suas raízes intrincadas com vínculos emocionais, capacidade de se relacionar, reconhecer e perceber as emoções daqueles que compõe os grupos em que o indivíduo se insere. É através dessa habilidade que desenvolvemos: senso moral, altruísmo, justiça, comportamento pró-social, inibição de comportamentos agressivos e cooperação. Além do supracitado, é importante enfatizar o papel dos pais e de uma base familiar inclusiva, afetiva e que propicie para o indivíduo a experimentação das diferentes emoções ao longo do desenvolvimento, para que se possa reconhecer e diferenciar as mesmas em si e, posteriormente, no outro, dando início ao processo empático. O objetivo principal deste trabalho foi, através de pesquisa documental bibliográfica, apresentar qual a importância do desenvolvimento de habilidades empáticas e como os pais podem influenciar nesse processo.

Palavras-chave: Habilidades sociais; Emoções; Percepção do outro.

Abstract

Since the beginning of development of humans and some nonhuman animals, we have developed what we call empathy, an emotional and behavioral perception of the emotions of the other. Empathy is a social-emotional ability that has its intricate roots with emotional attachments, the ability to relate to, recognize and perceive the emotions of those who make up the groups in which the individual enters. It is through this ability that we develop: moral sense, altruism, justice, prosocial behavior, inhibition of aggressive behavior and cooperation. In addition to the aforementioned, it is important to emphasize the role of parents and an inclusive,

affective family base that allows the individual to experience different emotions throughout development so that they can be recognized and differentiated in their own right, in the other, starting the empathic process. The main objective of this work was, through bibliographic documentary research, to present the importance of the development of empathic abilities and how parents can influence this process.

Key-words: Social skills; Emotions; Perception of the other.

Introdução

A definição do termo empatia é bastante vasta (Azevedo, 2014; Castro, Gaspar, & Vicente, 2010; Coutinho, 2018; Pavarino, Del Prette, & Del Prette, 2005), tendo passado por alterações diversas ao longo das décadas. Dessa forma, a definição que será utilizada no presente trabalho é a mais aceita no meio científico, que considera a empatia como uma habilidade socioemocional central que acontece quando um indivíduo consegue perceber o estado emocional do outro, se coloca naquele lugar a partir da vivência e motivação do mesmo e se percebe naquele estado (Almeida, 2017; Almeida, Gaspar, & Vicente, 2010; Anastacio, 2013; Azevedo, 2014; Coutinho, 2018; Oliveira, 2017; Pavarino et al., 2005). A percepção desse estado emocional pode ser feita através sinais visuais como expressões faciais ou gestos ou por meio de pistas menos visíveis como ser informado verbalmente e até mesmo através de experiências subjetivas como assistir a um filme ou ler um livro, o que comumente resulta em uma resposta passiva ou ativa do indivíduo que percebeu o outro (Anastacio, 2013; Azevedo, 2014; Coutinho, 2018; Figueiredo, 2018). Uma visão importante é a de que para se ter um processo empático completo, é necessário que a habilidade de reconhecer emoções em si e nos

outros precisa ser desenvolvida com acurácia (Bezerra, Santos, & Fernandes, 2018; Castro, Gaspar, & Vicente, 2010).

Fases da empatia

O processo empático acontece por diversos fatores, entre eles fatores cognitivos e comportamentais, por isso, esse processo é dito multidimensional e contínuo (Anastácio & Lima, 2015; Azevedo, 2014) e pode ser dividido em três fases: (1) fase cognitiva, em que se percebe o estado emocional do outro - isso acontece devido à capacidade do indivíduo de compreender através de sinais expressivos comportamentais e/ou faciais o estado emocional do outro; (2) fase afetiva, após o reconhecimento do estado emocional - se instala o compartilhamento do estado emocional do outro, sendo possível sentir o que o outro está sentindo sem que se tenha estado na situação real que o indivíduo vivenciou e esse comportamento se dá pela capacidade de sentir emoções congruentes com o indivíduo observado; e (3) fase comportamental, em que se demonstra através de comunicação verbal ou não verbal que o estado emocional do outro está sendo compartilhado - muitas vezes há a intenção de ajudar o outro a lidar com aquela situação, sendo também um processo importante para que o outro se sinta compreendido e amparado socioemocionalmente, porém não há uma obrigatoriedade (Almeida, 2017; Anastacio, 2013; Anastacio & Lima, 2017; Azevedo, 2014; Coutinho, 2018; Dadds et al., 2008; Motta et al., 2006; Oliveira, 2017).

Empatia e termos associados

É comum a associação ou até mesmo o equívoco de usar outros termos como sinônimos de empatia. Por isso, é importante pontuar a definição de cada um de forma a evidenciar a diferença entre os mesmos:

- **Simpatia** – similar à empatia por se tratar de um estado afetivo relativo ao que o outro está sentindo naquele momento, porém, difere por não apresentar um estado isomórfico, ou seja, o indivíduo não sente o que o outro está sentindo, apenas se preocupa ou compadece pelo estado afetivo do outro (Azevedo, 2014; de Vignemont & Singer, 2006; de Waal, 2008; Malti et al., 2016).
- **Contágio emocional** – depende da ação de neurônios-espelho que atuam de forma a copiar mimicamente as ações percebidas de outrem; assim, os neurônios-espelhos desencadeiam reações automáticas que, se não forem inibidas, resultarão na reprodução da mesma ação. Estes tipos especiais de neurônios são ativados quando ações são observadas e/ou percebidas e há a ativação de áreas visuais, mas também das áreas motoras relacionadas àquele movimento que está sendo apresentado, ou seja, há uma simulação da ação em nosso cérebro, por mais que não haja a movimentação em si, sendo observado em animais humanos e não-humanos (Castro, Gaspar, & Vicente, 2010; de Vignemont & Singer, 2006; de Waal, 2008; Gallese, 2001).
- **Angústia pessoal** – diferente da empatia, a angústia pessoal só é originada a partir de sentimentos e emoções negativas e acontece quando o indivíduo faz com que o outro ou um grupo sinta o que o aflige de modo a compartilhar a experiência fazendo com que ela seja diluída e o seu estresse seja diminuído, sem que haja uma preocupação com o estresse do(s) outro(s) (Azevedo, 2014; de Waal, 2008).

Papel social da empatia

Tem se tornado cada vez mais comum a menção de que a empatia deveria ser utilizada como uma ferramenta social de melhoramento das relações entre os indivíduos e os grupos dos quais estes fazem parte; dessa forma, é importante buscar os fatores cognitivos e comportamentais por trás de tais afirmações. O primeiro passo para se falar em empatia é saber que, para conhecer e reconhecer emoções necessita-se de convívio social desde o início do

desenvolvimento para que, ao longo do tempo, essa habilidade seja aperfeiçoada e se possa ter experiências verdadeiramente empáticas (Almeida, 2017; Figueiredo, 2018; Motta et al., 2006).

A empatia vem sendo associada na literatura com comportamentos como: senso moral, altruísmo, justiça, comportamento pró-social, inibição de comportamentos agressivos e cooperação, em situações do tipo: indivíduos que afirmam que ajudam mais quando empatizam com outras pessoas que em situações em que a ajuda alivia algum estresse pessoal ou é feita para pessoas que há um laço afetivo (Decety, 2015; Decety, Meidenbauer, & Cowell, 2018; de Vignemont & Singer, 2006; Motta et al., 2006 ; Motta et al., 2017). Além disso, a capacidade de vivenciar as experiências emocionais de outras pessoas ajuda a melhorar e regular o convívio social, coordenar ações em grupo e a estreitar as relações com o outro (de Vignemont, & Singer, 2006; de Waal, 2008).

É importante salientar que relações com caráter empático são estabelecidas desde o início do desenvolvimento quando os infantes choram ou sorriem para que seus cuidadores se aproximem e reajam àqueles estímulos. Mecanismos similares são observados em diferentes espécies que dependem de amamentação e cuidado parental no geral, como é o caso de aves e mamíferos. O fato dessas relações aparecerem em diferentes espécies e serem aprimoradas ao longo do desenvolvimento das mesmas mostra um forte caráter evolutivo, de sobrevivência e reprodução da empatia (Decety, 2015; de Waal, 2008; Emausz et al., 2016; Motta et al, 2006).

Desenvolvimento da empatia

O melhoramento de habilidades empáticas é necessário para um completo desenvolvimento sociocognitivo do indivíduo. É ainda na primeira infância que acontecem as primeiras experiências empáticas e que acabam por se aperfeiçoar ao longo do desenvolvimento (Almeida, 2017; Dadds et al., 2008; Decety, Meidenbauer, & Cowell, 2018).

Primeiramente, o experimentado é o contágio emocional, ainda nos primeiros meses de vida. Essa é uma experiência precursora da empatia, já que não há o conhecimento da condição do outro. A partir do momento em que as crianças conseguem reconhecer expressões faciais, um passo é dado no desenvolvimento das habilidades empáticas (Anastacio, 2013; Azevedo, 2014; Castro, Gaspar, & Vicente, 2010; Dadds et al., 2008). O primeiro vínculo da criança é com seu cuidador principal e o núcleo familiar que a circunda, é nesse vínculo que há a construção da empatia a partir das relações construídas neste ambiente, por isso, o comportamento dos pais acaba por ter um peso decisivo nas habilidades empáticas dos filhos (Almeida, 2017; Oliveira, 2017).

É a partir do vínculo com os pais e irmãos que o indivíduo consegue compreender e experimentar diferentes emoções e transpor para o outro os mesmos estados afetivos, só assim, há uma relação empática de sucesso, já que tendo experimentado das diversas emoções previamente, consegue-se compreender o impacto destas na história de vida de outros indivíduos. Dessa forma são estabelecidos laços afetivos fortes e coesos, primeiramente no grupo familiar e, posteriormente, no grupo social em que se está inserido (Anastacio, 2013; Azevedo, 2014; Bianchin & Gomes, 2018; Oliveira, 2017)

Um ponto importante a ser levado em consideração é que não existe uma obrigatoriedade em se passar por todas as três fases da empatia em todas as experiências empáticas que se tem; é possível que existam situações em que apenas uma ou duas das três fases empáticas seja explorada. Porém, a dificuldade ou incapacidade de se passar por uma e/ou todas as três fases pode vir a ser um indicativo de falta ou deficiência em habilidades sociais, como é o caso dos pacientes que se enquadram no Espectro Autista (EA) e até mesmo psicopatas (de Vignemont & Singer, 2006; Jones, 2010; Motta et al., 2006; Rueda, 2014).

Pessoas no EA pontuam mais baixo quando se considera empatia como um só constructo; já quando se considera os três componentes da empatia, há a baixa pontuação apenas

na fase cognitiva, como é o caso dos indivíduos acometidos com a Síndrome de Asperger, sendo essa, enquadrada no EA (APA, 2013). Esses indivíduos costumam pontuar mais baixo também no reconhecimento de emoções, principalmente em emoções como alegria e surpresa, sendo questionável a afirmação de que não são indivíduos empáticos (Jones, 2010; Lamm, 2015; Rueda, 2014), como é defendido por alguns pesquisadores (Azevedo, 2014).

Além de casos em que o déficit empático é apresentado em pessoas que possuem habilidades sociais reduzidas, é possível afirmar que esse déficit acabe por influenciar outras áreas do comportamento social, como: diminuição do senso de moralidade, maior propensão à comportamento agressivo, aumento de preconceitos sociais e violação dos direitos alheios (de Vignemont, 2006; Motta et al., 2006).

Considerações finais

As crianças, desde o início de seu desenvolvimento enquanto ser social, conseguem perceber e compreender o estado emocional dos que a rodeiam, é através do comportamento emocional da sociedade que a criança consegue ser mais sensível às alterações emocionais do outro e, conseqüentemente, ter uma maior facilidade para compreender ainda mais o seu estado emocional e como este tem uma influência no comportamento e bem estar como um todo, é através dessa percepção que a capacidade de se manter vínculos estáveis se fará presente. É através de comportamentos empáticos que há a manutenção de uma sociedade com indivíduos cada vez mais pró-sociais, o que pode ser um fator importante para a diminuição de comportamentos agressivos que incluem: racismo, xenofobia, *bullying*, LGBTQIA+fobia, machismo, dentre outros, que são hoje causas de conflitos sérios em escala global. Dessa forma, entender que a empatia pode ser um forte modulador social traz uma nova ferramenta para ser discutida e utilizada de forma a aumentar o bem-estar e equidade da sociedade em que vivemos.

Referências bibliográficas

Almeida, J. S. (2017). *Material didático para o ensino aprendizagem das cinco emoções básicas e desenvolvimento da empatia*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Anastácio, S. (2013). *Estudo da relação entre a empatia e a vinculação aos pais e aos pares na adolescência*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra, Beira Litoral, Portugal.

Anastácio, S. & Lima, L. N. (2015). A relação entre a vinculação ao pai e à mãe e a empatia no início da adolescência. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*. Lisboa, 6(1), 109-123.

Azevedo, C. R. (2014). *Instrumentos de avaliação da empatia: Uma revisão sistemática da literatura*. (Monografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Barrett-Lennard, G. T. (1993). The phases and focus of empathy. *British Journal of Medical Psychology*, 66, 3-14.

Bezerra, D. S., Santos, F. O. P., & Fernandes, S. C. S. (2018). Relações entre julgamento moral, racismo e empatia em crianças. *Cadernos de Pesquisa*, 48 (170), 1130-1147.

Bianchin, L. F. & Gomes, K. M. (2018). O desenvolvimento da empatia e vínculo afetivo em crianças e adolescentes abrigados. *Revista de Iniciação Científica*, 16(1), 41-54.

Castro, R., Gaspar, A., & Vicente, L. (2010). The evolving empathy: Hardwired bases of human and non-human primate empathy. *Psicologia*, 24(2), 131-152.

Coutinho, L. F. (2018). *Avaliação da Empatia em Adolescentes: Adaptação e qualidades psicométricas da escala do Índice de Reatividade Interpessoal*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Beira Litoral, Portugal.

Dadds, M. R., Hunter, K., Hawes D. J., Frost, A. D. J., Vassallo, S., Bunn, P., ..., Masry, Y. E. (2008) A Measure of Cognitive and Affective Empathy in Children Using Parent Ratings. *Child Psychiatry & Human Development*, 39, 111-122. doi: 10.1007/s10578-007-0075-4

de Vignemont, F., Singer, T. (2006) The empathic brain: how, when and why? *Cognitive Sciences*, 10(10), 435-441. doi: 10.1016/j.tics.2006.08.008

de Waal, F. B. M. (2008) Putting the Altruism Back into Altruism: The Evolution of Empathy. *Annual Review of Psychology*, 59, 279-300.

Decety, J. (2015) The neural pathways, development and functions of empathy. *Behavioral Science*, 3, 1-16. doi: 10.1016/j.cobeha.2014.12.001

Decety, J, Meidenbauer K. L., Cowell, J. M. (2018) The development of cognitive empathy and concern in preschool children: A behavioral neuroscience investigation. *Developmental Science*, 1-12. doi: 10.1111/desc.12570

Eisenberg, N., & Lennon, R. (1983) Sex differences in empathy and related capacities. *Psychological Bulletin*, 94(1), 100-131.

Emausz, A., Gaspar, A., Esteves, F., Carvalhosa, S. F. (2016) Adaptação da Escala de Empatia com Animais (EEA) para a população portuguesa. *Análise Psicológica*, 2(34), 189-201. doi: 10.14417/ap.1049

Figueiredo, M. S. R. (2018). *Desencadeando a empatia: Relato de experiência*. Universidade do Minho, Braga, Minho, Portugal.

Gallese, V. (2001). The 'shared manifold' hypothesis: From mirror neurons to empathy. *Journal of Consciousness Studies*, 8, 33-50.

Jones, A. P., Happé, G. E., Gilbert, F., Burnett S., & Viding E. (2010). Feeling, caring, knowing: Different types of empathy deficit in boys with psychopathic tendencies and autism spectrum disorder. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 51(11), 1188-1197. doi: 10.1111/j.1469-7610.2010.02280.x.

Koller, S. H., Camino, C., & Ribeiro, J. (2001). Adaptação e validação interna de duas escalas de empatia para uso no Brasil. *Estudos de Psicologia*, 18(3), 43-53.

Lamm, C., Bukowski, H., & Silani, G. (2015). From shared to distinct self–other representations in empathy: Evidence from neurotypical function and socio-cognitive disorders. *Philosophical Transactions of The Royal Society B: Biological Sciences*, 371(1686), 1-7. doi: 10.1098/rstb.2015.0083.

Malti, T., Chaparro, M. P., Zuffianò, A., & Colasante, T. (2016). School-Based Interventions to Promote Empathy-Related Responding in Children and Adolescents: A Developmental Analysis. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 00, 1-14. doi: 10.1080/15374416.2015.1121822

Morris, A. S., Criss, M. M., Silk, J. S., & Houlberg, B. J. (2017). The Impact of Parenting on Emotion Regulation During Childhood and Adolescence. *Child development perspectives* 11, (4), 233-238. doi: 10.1111/cdep.12238

Motta, D. C., Falcone, E. M. O., Clark, C., & Manhães, A. C. (2006). Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 523-532.

Motta, D. C., Dias, A. D., Carvalho, A. L. N., Manhães, A. C., Silva, L. G. G., & Santos, K. N. V. (2017) Programa para a promoção da empatia em sala de aula. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 13*(2), 122-130. doi: 10.5935/1808-5687.20170017

Oliveira, M. L. (2017). *A Empatia em Crianças e Jovens Portugueses*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Lisboa, Portugal.

Pavarino, M. G., Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P. (2005) O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico, 36*(2), 127-134

Rocha, J. S. A., Silva, A. I., R. Aguiar, C. S., Torro-Alves, N., & Souza, W. C. (2017). A influência da intensidade emocional no reconhecimento de emoções em faces por crianças brasileiras. *Universitas Psychologica, 15*(5). doi: 10.11144/Javeriana.upsy15-5.iiier

Rueda, P., Fernández-Berrocal, P., & Baron-Cohen, S. (2014). Dissociation between cognitive and affective empathy in youth with Asperger Syndrome. *European Journal of Developmental Psychology, 12*(1), 85-98. doi: 10.1080/17405629.2014.950221.

Como eu te vejo: desenvolvimento da empatia e a percepção dos pais

Silveira, L. G. S.^{1,2}, Castro, F. N.^{2,3}, & Lopes, F. A.^{2,3}

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). gomes.lara.s@gmail.com

²Laboratório de Evolução do Comportamento Humano (UFRN). Programa de Pós-graduação em Psicobiologia (UFRN).

³Departamento de Fisiologia e Comportamento, Centro de Biociências, (UFRN).

Informações sobre o periódico que o manuscrito será submetido:

- Periódico: Revista Latinoamericana de Psicología
- Classificação: A1

Resumo

Para os seres humanos, a primeira relação emocional estabelecida ocorre entre o bebê e o seu cuidador principal, reforçando e aprimorando essa relação, assim como com os outros integrantes do núcleo familiar, ao longo do desenvolvimento. É nessa primeira relação que há o desenvolvimento do que chamamos de empatia, uma percepção emocional e comportamental diante das emoções do outro. A empatia é uma habilidade social que tem suas raízes intrincadas com vínculos emocionais e a capacidade de se relacionar com o outro, percebendo, reconhecendo suas emoções e entendendo como elas o afetam a partir de sua perspectiva. Assim sendo, uma base familiar inclusiva, afetiva e com pais autoritativos podem favorecer habilidades empáticas, ao contrário de pais autoritários ou demasiadamente permissivos, que podem inibir ou negligenciar essas habilidades. O objetivo principal deste trabalho foi compreender o desenvolvimento da empatia na infância e a percepção dos pais da empatia de seus filhos. A coleta de dados foi realizada no município de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. A amostra teve um total de 306 participantes, sendo 153 crianças distribuídas em três grupos etários (grupo 1: 5 e 6 anos, grupo 2: 7 e 8 anos e grupo 3: 9 e 10 anos), entre indivíduos do sexo masculino e feminino, estudantes de uma escola municipal e uma escola particular e seus pais. Os resultados nos mostraram que não há uma influência do sexo da criança na empatia em nenhum dos três grupos, porém, que a idade é um fator importante na habilidade empática das crianças. Foi observado, também, que os pais não conseguem perceber corretamente o quão empático são seus filhos, instigando a discussão de que há uma dificuldade dos pais de conhecerem a fundo as habilidades socioemocionais de seus próprios filhos.

Palavras-chave: Emoções; Desenvolvimento; Base familiar; Habilidades empáticas.

Abstract

For humans, the first established emotional relationship occurs between the baby and his primary caregiver, reinforcing and enhancing this relationship, as well as with other family members, throughout development. It is in this first relation that there is the development of what we call empathy, an emotional and behavioral perception before the emotions of the other. Empathy is a social skill that has its intricate roots with emotional attachments and the ability to relate to others, perceiving, recognizing their emotions and understanding how they affect them from their perspective. Thus, an inclusive, affective family background with authoritative parents may favor empathic abilities, unlike authoritarian or overly permissive parents, which may inhibit or neglect these abilities. The main objective of this study was to understand the development of empathy in childhood and the parents' perception of their children's empathy. Data collection was carried out in the city of Natal, Rio Grande do Norte, Brazil. The sample had a total of 306 participants, of which 153 children were divided into three age groups (1: 5 and 6 years, group 2: 7 and 8 years and group 3: 9 and 10 years), among males and females, students of a municipal school and a private school and their parents. The results showed that there is no influence of the sex of the child on empathy in any of the three groups, however, that age is an important factor in children's empathic ability. It has also been observed that parents cannot correctly perceive how empathetic their children are by instigating the discussion that there is a difficulty for parents to get to know the socioemotional skills of their own children.

Keywords: Emotions; Development; Family base; Empathic skill

Introdução

Dentre as diversas definições que existem sobre empatia no meio científico, o que se tem como consenso é que esta é a percepção emocional e comportamental diante das emoções do outro que desencadeia um processo em que o indivíduo consegue vivenciar o estado emocional e situacional a partir da visão do outro (Almeida, 2017; Anastacio, 2013; Azevedo, 2014; Castro, Gaspar, & Vicente, 2010; Coutinho, 2018; Eisenberg & Strayer, 1987; Kirst-Conceição, 2014; Oliveira, 2017; Parreira, 2013; Pavarino, Del Prette, & Del Prette, 2005; Rodrigues et al., 2011; Rogers, 1975).

A empatia se apresenta em três fases: a fase cognitiva, a fase afetiva e a fase comportamental. A fase cognitiva é o momento em que há o reconhecimento do estado emocional do outro, a partir de pistas faciais e comportamentais. A fase seguinte é a fase afetiva, em que, após o reconhecimento do estado emocional, se instala o compartilhamento do estado emocional do outro, sendo possível sentir o que o outro está sentindo sem que se tenha estado na situação real à qual o indivíduo vivenciou. A última fase, é a fase comportamental, em que, após compreender e sentir o que o outro sentiu, há a expressão verbal ou não-verbal da empatia (Anastacio, 2013; Anastacio & Lima, 2015; Almeida, 2017; Azevedo, 2014; Barrett-Lennard, 1993; Coutinho, 2018; Dadds et al, 2008; Motta et al., 2006; Oliveira, 2017).

O ambiente primordial para o desdobramento desta habilidade comportamental é o ambiente familiar, em que as primeiras experiências sociais e emocionais são obtidas. Uma vez estabelecida a capacidade de perceber e reconhecer as emoções do outro, a criança consegue reagir de forma apropriada àquela situação e modular o seu comportamento frente à mesma, visto que ela se coloca no lugar daquele indivíduo por já ter passado pela experiência de sentir as mesmas emoções e é através desse tipo de vinculação na infância e ao longo do desenvolvimento que são moduladas as habilidades empáticas que resultarão na capacidade de estabelecer relações saudáveis e estáveis na vida adulta (Anastacio, 2013; Anastacio & Lima,

2015; Bianchin & Gomes, 2018; Coutinho, 2018; Decety, 2015; Figueiredo, 2018; Morris et al, 2017; Motta et al, 2017; Oliveira, 2017).

É importante pontuar que a empatia é uma habilidade social, ou seja, ela deve ser estimulada e praticada para que haja o aprendizado de como modulá-la, como aumentá-la, em quais situações usá-la, dentre outras possibilidades. Essas capacidades são aprimoradas tanto no ambiente familiar, como na escola que, naturalmente, é o segundo espaço de contato social da criança. Caso esses comportamentos não se apresentem de forma satisfatória ou adequada, é necessária uma investigação acerca das habilidades sociais gerais da criança ou da capacidade desses ambientes de estimularem o desenvolvimento e aprimoramento da empatia (Bezerra, Santos, & Fernandes, 2018; Figueiredo, 2018; Malti et al., 2016; Motta et al., 2006).

Sexo empático

É comum, no meio científico, a utilização do sexo como uma variável importante a ser testada nos mais diversos tipos de pesquisa, sobretudo, em pesquisas que tem no seu cerne, o comportamento. Em pesquisas com empatia não é diferente, há uma constante busca por características distintas entre o sexo feminino e o sexo masculino e a pontuação de cada um no constructo como um todo e, mais recentemente, em cada uma das três fases separadamente. Foi observado por alguns autores que meninos (a partir dos 12 anos) pontuam mais alto na fase cognitiva da empatia, ou seja, conseguem perceber e reconhecer o estado afetivo que o outro se encontra com êxito, porém, quando são feitas as análises para meninas da mesma idade, há uma pontuação alta em todas as fases da empatia; dessa forma, levando em consideração uma comparação nessa idade, meninas seriam mais empáticas que meninos (Anastácio, 2013).

Seria durante a fase da adolescência que haveria uma diferenciação entre a pontuação de meninos e meninas, em que as meninas continuariam pontuando alto em todas as fases e haveria uma diminuição da pontuação dos meninos na fase afetiva e, conseqüentemente, na fase

comportamental, ou seja, os meninos continuariam percebendo o estado emocional do outro, mas passariam a não mais demonstrar essa percepção (Coutinho, 2018; Garaigordobil & Galdeano, 2006; Oliveira, 2017), fato este que seguiria até a vida adulta e se fixaria como o comportamento usual de cada um dos dois sexos (Decety et al., 2018).

Influências parentais

A construção da habilidade de empatizar depende primordialmente do vínculo e nas informações passadas a partir dessas interações. Comumente, o primeiro vínculo é estabelecido com a mãe (ou com o cuidador principal) e, posteriormente, com o núcleo familiar como um todo; são nessas interações que serão passados valores, crenças, hábitos e a forma de agir e compreender a sociedade (Almeida, 2017; Oliveira, 2017; Pavarino, Del Prette, & Del Prette, 2005). É nesse sentido que um ambiente familiar rico em experiências emocionais diversas se mostra como propício para o desenvolvimento e aprimoramento da empatia. Os pais desenvolvem habilidades socioemocionais nas crianças através de três estratégias: a observação das crianças da regulação emocional dos pais, as práticas parentais relacionadas à emoções dos filhos e as relações familiares em geral, desde como os pais se relacionam, como se relacionam com os filhos e outros parentes, até a relação de apego dos cuidadores (Morris et al., 2017; Oliveira, 2017).

Apenas com o conhecimento das diversas emoções e de como lidar com elas que as crianças podem se tornar capazes de percebê-las no outro e construir uma relação empática (Anastácio, 2013; Rocha, 2017). Estudos têm indicado que as práticas parentais acabam por influenciar o desenvolvimento da empatia nas crianças, seja favorecendo ou prejudicando, por exemplo, crianças com pais extremamente duros, controladores ou até mesmo permissivos demais, costumam apresentar dificuldades na regulação de emoções, assim como, na percepção delas (Morris et al., 2017; Motta et al., 2006; Pavarino, Del Prette, & Del Prette, 2005). Por

outro lado, pais muito empáticos acabam por perceber melhor os seus filhos e ensinar com maior eficácia essa habilidade, fazendo assim com que as chances de as crianças serem mais empáticas, aumentem (Motta et al., 2006; Oliveira, 2017; Rocha, 2017).

Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho é compreender o desenvolvimento da empatia na infância e a percepção dos pais da empatia de seus filhos. Ainda, pretendemos identificar a influência da faixa etária no desenvolvimento da empatia; verificar a influência dos sexos no grau de empatia dos indivíduos; e, finalmente, medir a percepção familiar de pais e filhos no que diz respeito à empatia das crianças. Acreditamos que há diferença na expressão da empatia em crianças de acordo com a idade, em que crianças mais novas apresentam um grau empático mais alto que crianças mais velhas. Por outro lado, não esperamos que o sexo da criança influencie no grau de empatia apresentado, ou seja, meninos e meninas, da mesma idade, apresentam grau empático semelhante. Temos a expectativa de que a qualidade da interação familiar está relacionada com o nível empático das crianças: quanto maior a pontuação na qualidade da interação familiar, maior a pontuação das crianças na EECA. E, por fim, acreditamos que o tipo de prática parental utilizada na percepção dos pais está relacionado com a empatia dos filhos. Se esta hipótese estiver correta, a pontuação, através da percepção dos filhos das práticas parentais utilizadas por seus pais, seguirá o mesmo caminho que a pontuação da empatia, dos filhos, percebida por seus pais.

Materiais e métodos

Aspectos éticos

O presente estudo foi devidamente submetido e aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFRN (parecer nº 2.649.938). Para participação efetiva na pesquisa, todos os responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(TCLE), bem como todas as crianças assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), conforme orientações da resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Local de estudo e participantes

A coleta de dados foi realizada no município de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. A amostra teve um total de 306 participantes, sendo 153 crianças e 153 pais. As crianças foram distribuídas em três grupos etários, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição da Amostra por Grupo Etário, Sexo e Tipo de Escola

	Escola Pública		Escola Privada	
	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos
Grupo 1 (5 e 6 anos de idade)	6	13	11	11
Grupo 2 (7 e 8 anos de idade)	12	5	13	17
Grupo 3 (9 e 10 anos de idade)	11	9	23	22

Os participantes foram recrutados, após autorização da direção das escolas, bem como dos responsáveis pelas crianças, através da apresentação do projeto nas salas de aula. A coleta foi realizada individualmente a partir da utilização de questionários e um teste empírico.

Instrumentos

Para a realização de nossa pesquisa, utilizamos um questionário sociodemográfico, a Escala de Empatia para Crianças e Adolescentes (EECA) (Bryant, 1987) que avaliou a responsividade emocional das crianças. Nós utilizamos a versão em português validada para o Brasil por Koller, Camino e Ribeiro (2001). Utilizamos também a Escala de Qualidade da Interação Familiar (EQIF) (Weber, Salvador, & Brandeburg, 2009) através da qual aferimos a percepção da interação familiar por parte das crianças; essa escala avalia aspectos considerados negativos e positivos das interações das crianças e os seus cuidadores. Utilizamos ainda, o *Empathy Questionnaire* (EQ) (Rieffe, Ketelaar, & Wiefferink, 2009), que serviu para

avaliarmos a percepção dos pais do nível empático dos filhos; neste caso, utilizamos uma versão traduzida para o português¹.

Análise dos dados

Para testar as hipóteses, inicialmente foram realizados testes de Kolmogorov-Smirnov para verificar se os dados assumiriam uma distribuição normal. Como os dados não apresentaram distribuição normal foram realizados testes não paramétricos de Kruskal-Wallis (quando comparados os três grupos) e Mann-Whitney (quando comparados dois grupos isolados) para analisar comparar a expressão da empatia de acordo com a idade e o sexo (em crianças da mesma idade) e Correlações de Spearman para analisar se a qualidade da interação familiar está relacionada com o nível empático das crianças, se o tipo de prática parental utilizada está relacionado com a percepção dos pais da empatia dos filhos e se os pais conseguem perceber a empatia real dos filhos. Nossos testes foram feitos através do programa de estatística IBM SPSS Statistics 25. Foi adotado um nível de 5% de significância nas análises.

Resultados

Ao compararmos os três grupos de crianças de diferentes faixas etárias observamos, de uma forma geral, uma diferença significativa na empatia ($\chi^2(2) = 19,695$; $p < 0,05$). Quando comparados os grupos mais próximos de idade, a diferença também foi observada, como o grupo 1 (5 e 6 anos) e o grupo 2 (7 e 8 anos) ($U = 703,000$; $p < 0,05$) e o grupo 2 e o grupo 3 (9 e 10 anos) ($U = 1157,500$; $p < 0,05$), e ainda, nos grupos de idades mais distantes (grupo 1 e grupo 3), também observamos a diferença ($U = 661,500$; $p < 0,05$) (Figura 1).

¹ Este instrumento ainda não possui validação para o português. Nesse sentido, trabalharemos para finalizar o seu processo de validação, realizando todos os procedimentos necessários para tal.

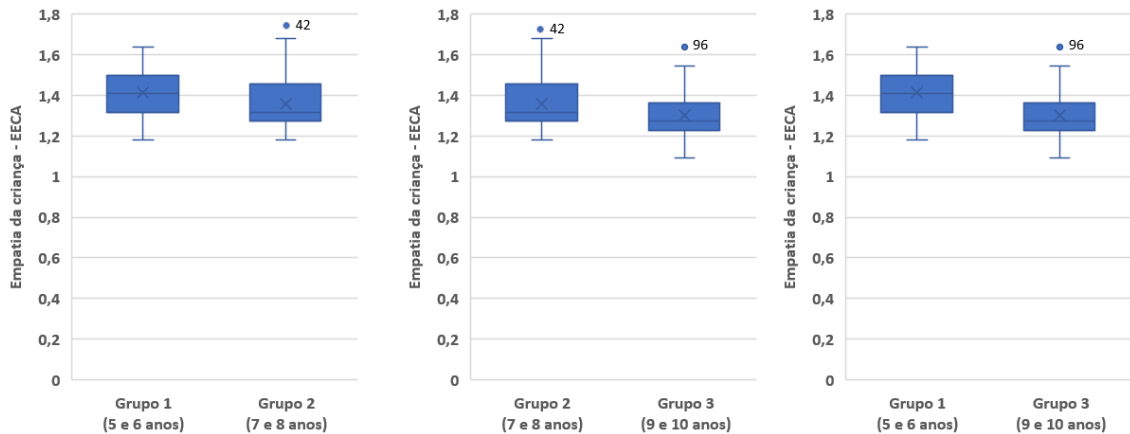


Figura 1: Box-plots comparando o nível empático das crianças através do EECA nos diferentes grupos: os grupos de idade mais próximas (Grupo 1 e Grupo 2 e Grupo 2 e Grupo 3) e os grupos de idade mais distantes (Grupo 1 e Grupo 3) (os pontos azuis indicam a presença de *outliers* e os números junto a eles indicam a criança correspondente).

No que se refere à comparação entre os sexos, não foi observada diferença na empatia de meninos e meninas, da mesma idade em nenhum dos 3 grupos (grupo 1: $U= 199,000$; $p > 0,05$; grupo 2: $U= 255,500$; $p > 0,05$; grupo 3: $U= 416,500$; $p > 0,05$) (Figura 2).

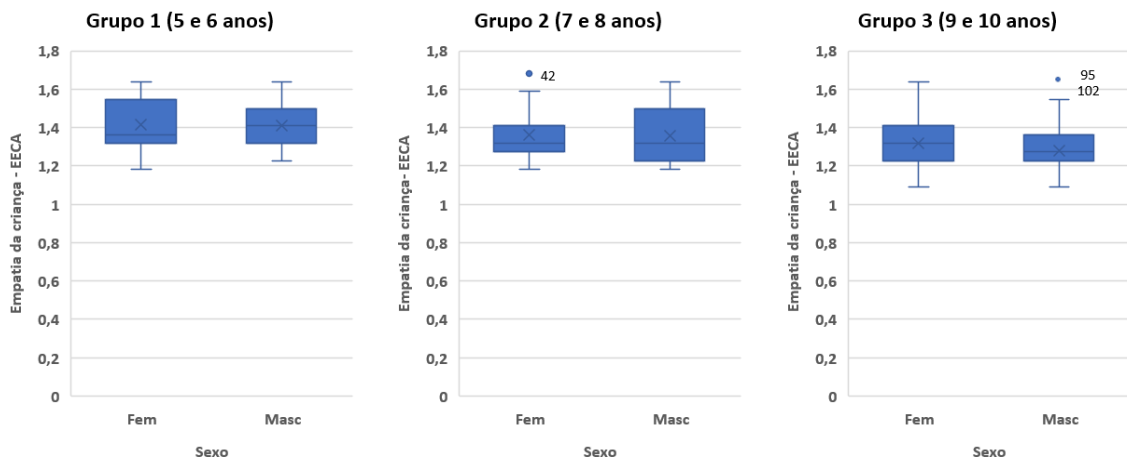


Figura 2: Box-plots comparando o nível empático das crianças através do EECA nos diferentes sexos, em função de cada grupo: Grupo 1 (5 e 6 anos), Grupo 2 (7 e 8 anos) e Grupo 3 (9 e 10 anos) (os pontos azuis indicam a presença de *outliers* e os números junto a eles indicam a criança correspondente).

Podemos observar, a partir de uma análise exploratória dos dados que não existe uma correlação entre a percepção dos pais do nível empático das crianças e o real nível empático delas ($\rho = -0,031$; $p > 0,05$) (Figura 3).

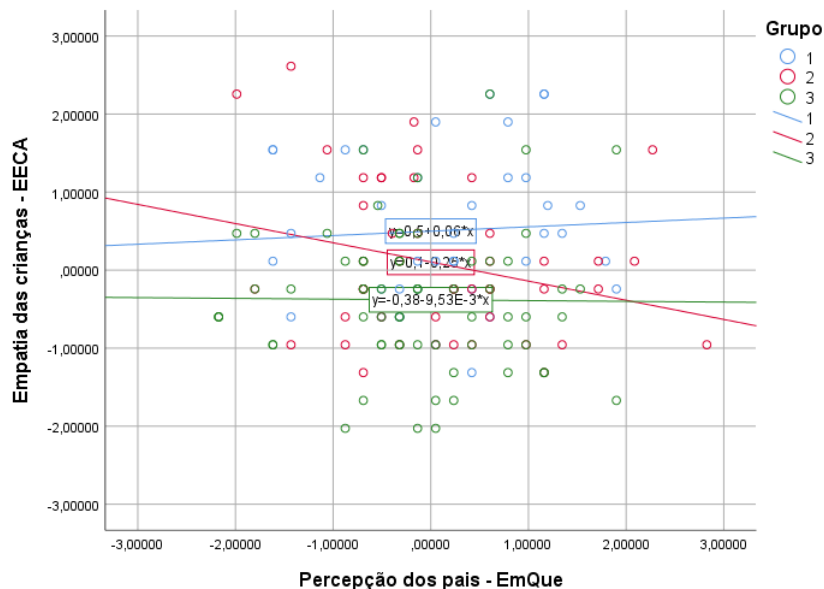


Figura 3: Correlação entre a percepção dos pais da empatia das crianças e a empatia real das crianças. Os grupos etários das crianças são representados por cores diferentes: azul para o grupo 1, vermelho para o grupo 2 e verde para o grupo 3.

Quanto à relação da qualidade da interação familiar na empatia das crianças, há uma correlação negativa baixa entre as variáveis ($\rho = -0,125$; $p < 0,05$) (Figura 4). O mesmo padrão foi observado no que se refere à relação entre o tipo de prática parental utilizada pelos pais: há uma baixa correlação negativa entre as práticas parentais e a empatia percebida dos filhos ($\rho = -0,137$; $p < 0,05$) (Figura 5).

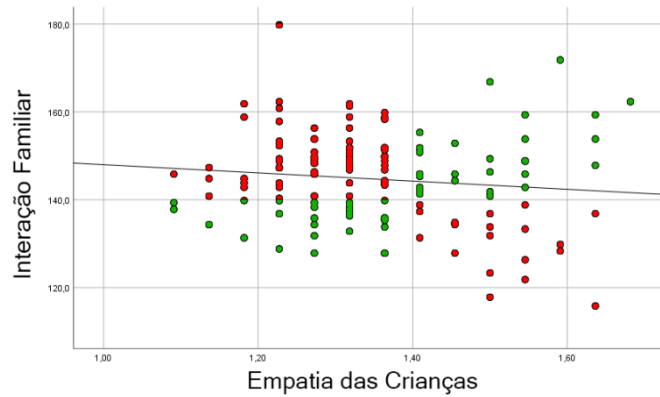


Figura 4: Correlação entre o nível de empatia das crianças, medido através do EECA e a Interação Familiar, medida através do EQIF. As cores diferentes representam as interações entre as variáveis: a cor verde representa que quanto mais alta a pontuação na interação familiar, mais alto é o nível empático da criança, enquanto que a cor vermelha representa que quanto mais baixa a pontuação na interação familiar, mais baixo é o nível empático da criança.

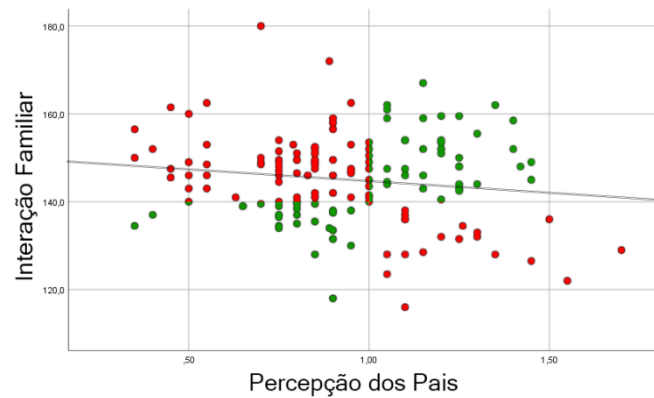


Figura 5: Correlação entre o nível de empatia das crianças, medido através do EECA e a Interação Familiar, medida através do EQIF. As cores diferentes representam as diferentes práticas utilizadas pelos pais: a cor verde representa as práticas consideradas positivas e a cor vermelha representa as práticas consideradas negativas.

Discussão

O objetivo central da presente pesquisa foi compreender o desenvolvimento da empatia na infância e a percepção dos pais da empatia dos filhos. O mesmo foi atingido quando os resultados mostraram que parte de nossas hipóteses foram corroboradas: o nível empático

aumenta ao longo da infância, o sexo não influencia o nível empático de crianças da mesma idade e os pais não conseguem perceber o real nível empático de seus filhos.

O fato de observarmos que a idade influencia no nível empático das crianças se mostra de maneira curiosa: observamos que crianças mais novas pontuam mais alto que crianças mais velhas no nível empático. Naturalmente, o esperado seria que crianças mais velhas pontuassem mais alto, já que essa é uma habilidade social com grande influência da aprendizagem e, ao longo do crescimento, as interações sociais aumentam em quantidade e profundidade, o que poderia levar ao aperfeiçoamento dessa habilidade (Anastacio, 2013; Anastacio & Lima, 2015; Bianchin & Gomes, 2018; Coutinho, 2018; Decety, 2015; Figueiredo, 2018; Morris et al, 2017; Motta et al., 2017; Oliveira, 2017). Porém, é interessante lembrar que ao longo do desenvolvimento outras características sociais se apresentam como, por exemplo, a competição. É possível que a diminuição do grau empático das crianças se dê, pois, estando imersa em um ambiente competitivo como é o ambiente escolar, empatizar com o outro pode não ser vantajoso (Pavarino, Del Prette, & Del Prette, 2005). Além disso, as crianças passam por uma fase importante por volta dos 7 anos de idade (a partir do grupo 2 do nosso estudo), chamada fase da oposição (Wallon, 1975), em que o indivíduo firma a sua posição e suas vontades, pois começa a entender a diferença entre o “eu” e o “outro”. É nessa fase que as crianças utilizam de mentira, persuasão e competição para exigir que suas vontades sejam aceitas, dessa forma, empatizar não parece se apresentar como uma estratégia primariamente escolhida (Andrade, 2013; Bullock & Russel, 1984).

Existem diferentes papéis sexuais que foram apresentados ao longo da evolução. Esses, atuaram influenciando de forma distinta cada um dos sexos em diferentes âmbitos: comportamental, cognitivo, hormonal, dentre outros. Essas características aparentam estar atreladas à maturação sexual e seriam apresentadas apenas no início da puberdade (Menezes et al., 2010). Dessa forma, hipotetizamos que, evolutivamente, ambos os sexos serem igualmente

empáticos, para crianças, traria vantagens sociais, tais quais: aumento do vínculo e a diluição da competição entre irmãos, o que teria influência na sua sobrevivência e coalizão de grupo, assim como, diminuiria pressões agonistas como agressões entre irmãos (Almeida, 2017; Pavarino, Del Prette, & Del Prette, 2005).

Esperava-se uma correlação forte, tanto entre a qualidade da interação familiar e a empatia das crianças, quanto entre as práticas parentais desenvolvidas pelos pais e a empatia das crianças, já que existe uma vasta literatura que argumenta que o ambiente familiar e a empatia dos pais, exercem grande influência na empatia das crianças (Morris et al., 2017; Motta et al., 2006; Oliveira, 2017; Pavarino et al., 2005; Rocha, 2017). Porém, ao nos depararmos com os resultados de nossas análises exploratórias que mostram que os pais não conseguem perceber corretamente o nível empático de seus filhos, é possível a compreensão destes resultados adversos. Uma base familiar em que os pais não conseguem perceber as habilidades sociais dos seus filhos, dificilmente terá coesão de modo a influenciar a empatia destes. Nossos dados se apresentam como um alerta para a fragilidade e qualidade das interações entre pais e filhos. Se no ambiente familiar, núcleo que deveria ser o maior responsável pela estruturação e melhoramento das habilidades sociais, não se tem uma clareza acerca da qualidade das interações e os reais níveis empáticos de quem as constituem, não seria congruente esperar que houvesse o aumento desses níveis em função da interação familiar ou das práticas conduzidas neste ambiente.

Considerações finais

A empatia é uma competência social que vem tomando notoriedade ao longo dos anos por se apresentar como uma ferramenta social válida para o melhoramento das relações, aumento do vínculo, coesão entre grupos, aumento de comportamentos pró-sociais e diminuição de comportamentos agressivos e de enfrentamento. É por essas características que

o estudo de como se dá o desenvolvimento da empatia, principalmente em crianças, se faz necessário e importante.

O fato de observarmos que o sexo não exerce influência no nível empático se mostra como um dado novo, o que desperta a importância de mais estudos que possam corroborar os nossos achados. Traçar um paralelo entre os sexos durante todo o desenvolvimento, ou seja, aumentando a faixa etária analisada poderia trazer uma contribuição maior e mais robusta para o estudo da empatia.

Para nós, seria de grande valia um estudo mais detalhado acerca da utilização das práticas parentais e da interação familiar na empatia de crianças, é necessário entender onde e porque está havendo essa quebra entre pais e filhos e o quanto isso pode afetar comportamental e afetivamente as crianças.

Referências bibliográficas

Almeida, J. S. (2017). *Material didático para o ensino aprendizagem das cinco emoções básicas e desenvolvimento da empatia*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Anastácio, S. (2013). *Estudo da relação entre a empatia e a vinculação aos pais e aos pares na adolescência*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra, Beira Litoral, Portugal.

Anastácio, S. & Lima, L. N. (2015). A relação entre a vinculação ao pai e à mãe e a empatia no início da adolescência. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*. Lisboa, 6(1), 109-123.

Azevedo, C. R. (2014). *Instrumentos de avaliação da empatia: Uma revisão sistemática da literatura*. (Monografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Barrett-Lennard, G. T. (1993). The phases and focus of empathy. *British Journal of Medical Psychology*, *66*, 3-14.

Bezerra, D. S., Santos, F. O. P., & Fernandes, S. C. S. (2018). Relações entre julgamento moral, racismo e empatia em crianças. *Cadernos de Pesquisa*, *48*(170), 1130-1147.

Bianchin, L. F. & Gomes, K. M. (2018). O desenvolvimento da empatia e vínculo afetivo em crianças e adolescentes abrigados. *Revista de Iniciação Científica*, *16*(1), 41-54.

Bryant, B. (1982). An index of empathy for children and adolescents. *Child Development*, *53*, 413-425.

Castro, R., Gaspar, A., & Vicente, L. (2010). The evolving empathy: Hardwired bases of human and non-human primate empathy. *Psicologia*, *24*(2), 131-152.

Coutinho, L. F. (2018). *Avaliação da Empatia em Adolescentes: Adaptação e qualidades psicométricas da escala do Índice de Reatividade Interpessoal*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Beira Litoral, Portugal.

Dadds, M. R., Hunter, K., Hawes D. J., Frost, A. D. J., Vassallo, S., Bunn, P., ..., Masry, Y. E. (2008). A Measure of Cognitive and Affective Empathy in Children Using Parent Ratings. *Child Psychiatry & Human Development*, *39*, 111-122. doi: 10.1007/s10578-007-0075-4

Decety, J. (2015). The neural pathways, development and functions of empathy. *Behavioral Science*, *3*, 1-16. doi: 10.1016/j.cobeha.2014.12.001

Decety, J, Meidenbauer K. L., & Cowell, J. M. (2018). The development of cognitive empathy and concern in preschool children: A behavioral neuroscience investigation. *Developmental Science*, 1-12. doi: 10.1111/desc.12570

Eisenberg, N. & Strayer, J. (1987). Critical issues in the study of empathy. *Empathy and its Development*, 3-13.

Figueiredo, M. S. R. (2018). *Desencadeando a empatia: Relato de experiência*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Braga, Minho, Portugal.

Garaigordobil, M. & Galdeano, P. G., Empatía en niños de 10 a 12 años (2006) *Psicothema*, 18(2), 180-186.

Kirst-Conceição, A. C. (2014). *Desempenho escolar e suas relações com a autopercepção de empatia e competência social em adolescentes*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

Malti, T., Chaparro, M. P., Zuffianò, A., & Colasante, T., (2016). School-Based Interventions to Promote Empathy-Related Responding in Children and Adolescents: A Developmental Analysis. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 00, 1-14. doi: 10.1080/15374416.2015.1121822

Motta, D. C., Falcone, E. M. O., Clark, C., & Manhães, A. C. (2006). Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 523-532.

Motta, D. C., Dias, A. D., Carvalho, A. L. N., Manhães, A. C., Silva, L. G. G., & Santos, K. N. V. (2017) Programa para a promoção da empatia em sala de aula. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 13(2), 122-130. doi: 10.5935/1808-5687.20170017

Oliveira, M. L. (2017). *A Empatia em Crianças e Jovens Portugueses*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Lisboa, Portugal.

Parreira, T. A. P. (2013). *Empatia e reconhecimento de emoções: O efeito do género e a relação da empatia com o alvo* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Algarve, Faro, Algarve, Portugal.

Pavarino, M. G., Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, 36(2), 127-134

Rieffe, C., Ketelaar, L., & Wiefferink, C. H. (2010). Assessing empathy in young children; Construction and validation of an empathy questionnaire (EmQue). *Personality and Individual Differences*, 49, 362-367.

Rodrigues, J., Lopes, A., Giger, J-C., Gomes, A., Santos, J., & Gonçalves, G. (2011). Escalas de medição do quociente de empatia/ sistematização: Um ensaio de validação para a população portuguesa. *Psicologia, 25*, 73-89.

Rogers, C. R. (1975). Empathic: An unappreciated way of being. *The Counseling Psychologist, 5*(2), 2-10.

Wallon, H. (1975) *Psicologia da Educação e da Infância*. Lisboa: Editorial Estampa.

Weber, L. N. D., Salvador, A. P. V., Brandenburg, O. J. (2009). Escalas de qualidade na interação familiar–EQIF. *Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados, 57-68*.

Considerações finais

A presente dissertação teve como objetivo compreender as emoções e o seu reconhecimento, assim como a empatia e o seu desenvolvimento na infância.

Para tanto, apresentamos dois artigos teóricos que abordaram o cerne do papel social e no desenvolvimento das emoções e da empatia. Apresentamos, em seguida, um artigo empírico sobre o reconhecimento de emoções na infância que avaliou a influência da idade e do sexo no desenvolvimento dessa capacidade e, em seguida, apresentamos um artigo empírico sobre empatia na infância em que se avaliou a influência da idade e do sexo no desenvolvimento dessa habilidade, assim como, a influência das práticas parentais e da interação familiar, e ainda, se os pais conseguem perceber o real nível empático de seus filhos.

Os resultados mostraram que para o reconhecimento de emoções: há a influência da idade, mas que o sexo não apresenta essa capacidade. Quanto à empatia: há também a influência da idade no nível empático, assim como, o sexo não exerce influência nessa habilidade nas crianças testadas. Vimos ainda que as práticas parentais e a interação familiar acabam por não ter relação com o nível empático das crianças e que os pais não conseguem perceber o real nível empático de seus filhos. O resumo das respostas às hipóteses investigadas na dissertação está apresentado no Quadro 1.

Quadro 1: Resumo das hipóteses investigadas

<i>Hipótese 1 (testada no artigo empírico de emoções): Há diferença na capacidade de crianças em reconhecer emoções de acordo com a idade</i>		
Predição	Resultado	Conclusão
P1.1: Crianças mais velhas apresentam melhor reconhecimento de emoções do que crianças mais novas.	Foi observado que há uma diferença significativa na pontuação no teste de percepção de emoções entre o Grupo 1 e o Grupo 3	Corroborada
<i>Hipótese 2 (testada no artigo empírico de emoções): O sexo da criança não influencia a capacidade de reconhecer emoções</i>		
Predição	Resultado	Conclusão
P2.1: Meninos e meninas, da mesma idade, apresentam igual capacidade de reconhecer emoções.	Não foi observada diferença significativa entre a pontuação de meninos e meninas (da mesma idade) no teste de percepção de emoções.	Corroborada
<i>Hipótese 3 (testada no artigo empírico de empatia): Há diferença na expressão da empatia em crianças de acordo com a idade</i>		
Predição	Resultado	Conclusão
P3.1: Crianças mais novas apresentam um grau empático mais alto que crianças mais velhas.	Foi observado que há uma diferença significativa na pontuação do EECA entre os três grupos estudados, sendo o Grupo 3 o que obteve menor pontuação.	Corroborada
<i>Hipótese 4 (testada no artigo empírico de empatia): O sexo da criança não influencia o grau de empatia apresentado</i>		
Predição	Resultado	Conclusão
P4.1: Meninos e meninas, da mesma idade, apresentam grau empático semelhante.	Não foi observada diferença significativa entre a pontuação de meninos e meninas (da mesma idade) no EECA	Corroborada
<i>Hipótese 5 (testada no artigo empírico de empatia): A qualidade da interação familiar influencia no nível empático das crianças</i>		
Predição	Resultado	Conclusão
P5.1: Quanto maior a pontuação na qualidade da interação familiar, maior a pontuação das crianças na EECA.	Foi observada uma baixa correlação entre a qualidade da interação familiar e o nível empático das crianças, dessa forma, não é possível afirmar se há uma influência da qualidade da interação familiar no nível empático das crianças	Não corroborada
<i>Hipótese 6 (testada no artigo empírico de empatia): O tipo de prática parental utilizada influencia na percepção, dos pais, da empatia dos filhos</i>		
Predição	Resultado	Conclusão
P6.1: A pontuação, através da percepção dos filhos das práticas parentais utilizadas por seus pais, seguirá o mesmo caminho que a pontuação da empatia, dos filhos, percebida por seus pais.	Foi observada uma baixa correlação entre as práticas parentais e a empatia percebida dos filhos, dessa forma, não podemos afirmar que o tipo de prática utilizada pelos pais influencia a percepção, dos pais, da empatia das crianças	Não corroborada

Referências bibliográficas

Alcock, J. (2009) *Animal Behavior - An Evolutionary Approach*. Cambridge: Sinauer & Associates.

Almeida, L. R. (2014). A questão do eu e do outro na psicogenética walloniana. *Estudos de Psicologia*, 31(4), 595-604. doi: 10.1590/0103-166x2014000300013.

Almeida, J. S. (2017). *Material didático para o ensino aprendizagem das cinco emoções básicas e desenvolvimento da empatia*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Anastácio, S. (2013). *Estudo da relação entre a empatia e a vinculação aos pais e aos pares na adolescência*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra, Beira Litoral, Portugal.

Anastácio, S. & Lima, L. N. (2015). A relação entre a vinculação ao pai e à mãe e a empatia no início da adolescência. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*. Lisboa, 6(1), 109-123.

Andrade, N. C. (2013). *Adaptação transcultural e validação do teste de conhecimento emocional: Um novo instrumento para avaliação neuropsicológica das emoções em crianças* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Salvador, Bahia, Brasil.

Andrade, N. C., Abreu, N. S., Duran, V. R., Veloso, T. J., & Moreira, N. A. (2013). Reconhecimento de expressões faciais de emoções: Padronização de imagens do teste de conhecimento emocional. *Psico*, 44(3), 382-390.

Andrade, N. C., Abreu, N., Menezes, I., Mello, C. B., Duran, V. R., & Moreira, N. A. (2014). Adaptação transcultural do teste de conhecimento emocional: Avaliação neuropsicológica das emoções. *Psico*, 19(2), 297-306.

Azevedo, C. R. (2014). *Instrumentos de avaliação da empatia: Uma revisão sistemática da literatura*. (Monografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Band, E. B. & Weisz, J. R. (1988). How to feel better when it feels bad: Children's perspectives on coping with everyday stress. *Developmental Psychology*, 24(2), 247-253.

Barrett-Lennard, G. T. (1993). The phases and focus of empathy. *British Journal of Medical Psychology*, 66, 3-14.

Berkovits, L., Eisenhower, A., & Blacher, J. (2017). Emotion Regulation in Young Children with Autism Spectrum Disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorder*. doi: 10.1007/s10803-016-2922-2

Bezerra, D. S., Santos, F. O. P., & Fernandes, S. C. S. (2018). Relações entre julgamento moral, racismo e empatia em crianças. *Cadernos de Pesquisa*, 48(170), 1130-1147.

Bianchin, L. F. & Gomes, K. M. (2018). O desenvolvimento da empatia e vínculo afetivo em crianças e adolescentes abrigados. *Revista de Iniciação Científica*, 16(1), 41-54.

Borke, H. (1971). Interpersonal perception of young children: Egocentrism or empathy? *Developmental Psychology*, 5(2), 263-269.

Bryant, B. (1982). An index of empathy for children and adolescents. *Child Development*, 53, 413-425.

Bullock, M. & Russel, J. A. (1985). Further evidence on preschoolers' interpretation of facial expressions. *International Journal of Behavioral Development*, 8, 15-38.

Castilho, F. M. & Martins, L. A. P. (2012). As concepções evolutivas de Darwin sobre a expressão das emoções no homem e nos animais *Revista da Biologia*, 9(2), 12-15. doi: 10.7594/revbio.09.02.03

Castro, R., Gaspar, A., & Vicente, L. (2010). The evolving empathy: Hardwired bases of human and non-human primate empathy. *Psicologia*, 24(2), 131-152.

Coutinho, L. F. (2018). *Avaliação da Empatia em Adolescentes: Adaptação e qualidades psicométricas da escala do Índice de Reatividade Interpessoal*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Beira Litoral, Portugal.

Dadds, M. R., Hunter, K., Hawes D. J., Frost, A. D. J., Vassallo, S., Bunn, P., ..., Masry, Y. E. (2008) A Measure of Cognitive and Affective Empathy in Children Using Parent Ratings. *Child Psychiatry & Human Development*, 39, 111-122. doi: 10.1007/s10578-007-0075-4

Darwin C. (1872) *The expression of the emotions in man and animals*. London: John Murray.

de Vignemont, F., Singer, T. (2006) The empathic brain: how, when and why? *Cognitive Sciences*, 10(10), 435-441. doi: 10.1016/j.tics.2006.08.008

de Waal, F. B. M. (2008) Putting the Altruism Back into Altruism: The Evolution of Empathy. *Annual Review of Psychology*, 59, 279-300.

Decety, J. (2015) The neural pathways, development and functions of empathy. *Behavioral Science*, 3, 1-16. doi: 10.1016/j.cobeha.2014.12.001

Decety, J, Meidenbauer K. L., Cowell, J. M. (2018) The development of cognitive empathy and concern in preschool children: A behavioral neuroscience investigation. *Developmental Science*, 1-12. doi: 10.1111/desc.12570

Dunbar, R. I. M. (1998). The social brain hypothesis. *Evolutionary Anthropology*, 178-190.

Dunbar, R. I. M. (1993). Coevolution of neocortical size, group size and language in humans. *Behavioral and Brain Sciences*, 16, 681-735.

Eisenberg, N. & Lennon, R. (1983) Sex Differences in Empathy and Related Capacities, *Psychological Bulletin*, 94(1), 100-131.

Eisenberg, N. & Strayer, J. (1987). Critical issues in the study of empathy. *Empathy and its Development*, 3-13.

Ekman, P., Sorenson, E. R., & Friesen, W. V. (1969). Pan-Cultural Elements in Facial Displays of Emotion. *Science*, *164*, 86-88.

Ekman, P. & Friesen, W. V. (1975). *Unmasking the face: A guide to recognizing emotions from facial clues*. Oxford, England: Prentice-Hall.

Ekman, P. & Cordaro, D. (2011). What is Meant by Calling Emotions Basic. *Emotion Review*, *3*(4), 364-370. doi: 10.1177/1754073911410740

Emausz, A., Gaspar, A., Esteves, F., Carvalhosa, S. F. (2016) Adaptação da Escala de Empatia com Animais (EEA) para a população portuguesa. *Análise Psicológica*, *2*(34), 189-201. doi: 10.14417/ap.1049

Figueiredo, M. S. R. (2018). *Desencadeando a empatia: Relato de experiência*. Universidade do Minho, Braga, Minho, Portugal.

Gallese, V. (2001). The 'shared manifold' hypothesis: From mirror neurons to empathy. *Journal of Consciousness Studies*, *8*, 33-50.

Garaigordobil, M. & Galdeano, P. G., Empatía en niños de 10 a 12 años (2006) *Psicothema*, *18*(2), 180-186.

Halberstadt, A. G., Denham, S. A., & Dunsmore, J. C. (2001). Affective social competence. *Social Development*, *10*, 79-119.

Harris, P. L. (1983). Children's understanding of the link between situation and emotion. *Journal of Experimental Child Psychology*, *36*, 490-509.

Harris, P. L., Johnson, C. N., Hutton, D., Andrews, G., & Cooke, T. (1989). Young children's theory of mind and emotion. *Cognition & Emotion*, *3*(4), 379-400. doi: 10.1080/02699938908412713

Izard, C. E. (2009). Emotion theory and research: Highlights, unanswered questions, and emerging issues. *Annual Review of Psychology*, *60*(1), 1-25. doi: 10.1146/annurev.psych.60.110707.163539.

Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Jones, A. P., Happé, G. E., Gilbert, F., Burnett S., & Viding E. (2010). Feeling, caring, knowing: Different types of empathy deficit in boys with psychopathic tendencies and autism spectrum disorder. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 51(11), 1188-1197. doi: 10.1111/j.1469-7610.2010.02280.x.

Kirst-Conceição, A. C. (2014). *Desempenho escolar e suas relações com a autopercepção de empatia e competência social em adolescentes*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

Koller, S. H., Camino, C., & Ribeiro, J. (2001). Adaptação e validação interna de duas escalas de empatia para uso no Brasil. *Estudos de Psicologia*, 18(3), 43-53.

Lamm, C., Bukowski, H., & Silani, G. (2015). From shared to distinct self–other representations in empathy: Evidence from neurotypical function and socio-cognitive disorders. *Philosophical Transactions of The Royal Society B: Biological Sciences*, 371(1686), 1-7. doi: 10.1098/rstb.2015.0083

Leitão, M. B. P. (2015). *Efeito das características infantis sobre a cooperação: Análise ontogenética por uma perspectiva evolucionista* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

Machado, M. P., Veríssimo, M., & Denham, S. (2012). O teste de conhecimento das emoções para crianças de idade pré-escolar. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación - e Avaliação Psicológica*, 2(34), 202-222.

Malti, T., Chaparro, M. P., Zuffianò, A., & Colasante, T. (2016). School-Based Interventions to Promote Empathy-Related Responding in Children and Adolescents: A Developmental Analysis. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 00, 1-14. doi: 10.1080/15374416.2015.1121822

Matsumoto, D. (1989). Cultural influences on the perception of emotion. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 20(1), 92-105.

McClure, E. B. (2000) A Meta-Analytic Review of Sex Differences in Facial Expression Processing and Their Development in Infants, Children, and Adolescents. *Psychological Bulletin*, 126(3), 424-453. doi: 10.1037//0033-2909.126.3.424

Melo, A. I. M. T. (2005). *Emoções no período escolar: estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Braga, Minho, Portugal.

Menezes, A. B. C, Brito, R. C. S., Figueira, R. A., Bentes, T. F., Monteiro, F. E. & Santos, M. C. (2010) Compreendendo as diferenças de gênero a partir das interações livres no contexto escolar. *Estudos de Psicologia*, 15(1), 79-87.

Morris, A. S., Criss, M. M., Silk, J. S., & Houtberg, B. J. (2017). The Impact of Parenting on Emotion Regulation During Childhood and Adolescence. *Child Development Perspectives*, 11(4), 233-238. doi: 10.1111/cdep.12238

Motta, D. C., Falcone, E. M. O., Clark, C., & Manhães, A. C. (2006). Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 523-532.

Motta, D. C., Dias, A. D., Carvalho, A. L. N., Manhães, A. C., Silva, L. G. G., & Santos, K. N. V. (2017) Programa para a promoção da empatia em sala de aula. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 13(2), 122-130. doi: 10.5935/1808-5687.20170017

Nunner-Winkler, G. & Sodian, B. (1988). Children's understanding of moral emotions. *Child Development*, 59(5), 1323-1338.

Oliveira, M. L. (2017). *A Empatia em Crianças e Jovens Portugueses*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Lisboa, Portugal.

Parreira, T. A. P. (2013). *Empatia e reconhecimento de emoções: O efeito do género e a relação da empatia com o alvo*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Algarve, Faro, Algarve, Portugal.

Pavarino, M. G., Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, 36(2), 127-134

Pons, F., Harris, P. L., & Rosnay, M. (2004). Emotion comprehension between 3 and 11 years: Developmental periods and hierarchical organization. *European Journal of Developmental Psychology*, 1(2), 127-152. doi: 10.1080/17405620344000022

Rieffe, C., Ketelaar, L., & Wiefferink, C. H. (2010). Assessing empathy in young children; Construction and validation of an empathy questionnaire (EmQue). *Personality and Individual Differences*, 49, 362-367.

Roberts S. C. (2012) *Applied Evolutionary Psychology*. New York: Springer.

Rocha, J. S. A., Silva, A. I., R. Aguiar, C. S., Torro-Alves, N., & Souza, W. C. (2017). A influência da intensidade emocional no reconhecimento de emoções em faces por crianças brasileiras. *Universitas Psychologica*, 15(5). doi: 10.11144/Javeriana.upsy15-5.iiier

Rodrigues, J., Lopes, A., Giger, J-C., Gomes, A., Santos, J., & Gonçalves, G. (2011). Escalas de medição do quociente de empatia/ sistematização: Um ensaio de validação para a população portuguesa. *Psicologia*, 25, 73-89.

Rogers, C. R. (1975). Empathic: An unappreciated way of being. *The Counseling Psychologist*, 5(2), 2-10.

Romani-Sponchiado, A., Sanvincente-Vieira, B., Mottin, C., Hertzog-Fonini, D., & Arteché, A. (2015). Child Emotions Picture Set (CEPS): Development of a database of children's emotional expressions. *Psychology & Neuroscience*, 8(4), 467-478. doi: 10.1037/h0101430

Rotter, N. G. & Rotter, G. S. (1988)., Sex differences in the encoding and decoding of negative facial emotions. *Journal of Nonverbal Behavior*, 12(2), 139-148.

Rueda, P., Fernández-Berrocal, P., & Baron-Cohen, S. (2014). Dissociation between cognitive and affective empathy in youth with Asperger Syndrome. *European Journal of Developmental Psychology*, 12(1), 85-98. doi: 10.1080/17405629.2014.950221.

Saarni, C. (1979). Children's understanding of display rules for expressive behavior. *Developmental Psychology*, 15(4), 424-429.

Wallon, H. (1975) *Psicologia da Educação e da Infância*. Lisboa: Editorial Estampa.

Weber, L. N. D., Salvador, A. P. V., Brandenburg, O. J. (2009). Escalas de qualidade na interação familiar–EQIF. *Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados*, 57-68.

Yuill, N. (1984). Young children's coordination of motive and outcome in judgements of satisfaction and morality. *British Journal of Developmental Psychology*, 2, 73-81.

Anexos

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 1.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE BIOCÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOBIOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Estamos solicitando a você a autorização para que o menor pelo qual você é responsável participe da pesquisa: *Empatia e reconhecimento de emoções em crianças*, que tem como pesquisadoras responsáveis a mestranda Lara Gomes de Souza Silveira e a prof^a Fívia de Araújo Lopes.

Esta pesquisa pretende compreender como se desenvolve a empatia e a percepção de emoções na infância. A empatia é uma percepção emocional e comportamental diante das emoções do outro. Esta, é uma habilidade social que se desenvolve com vínculos emocionais e a capacidade de se relacionar socialmente. O motivo que nos leva a fazer este estudo é que, ao longo do desenvolvimento do ser humano, é percebido que há uma diferenciação no grau empático, assim como, na percepção de emoções e atualmente poucos trabalhos questionam essa disparidade. Além disso, este estudo inova na investigação desse tema ao buscar integrar a percepção de pais e filhos e as influências das práticas utilizadas pelos pais na empatia dos filhos.

Caso você decida autorizar, a criança deverá participar de um teste para identificar as 6 emoções básicas em imagens de outras crianças de idade semelhante à dela. Este teste contará com a utilização de um computador. Além disso, ela responderá a 2 questionários: um sobre empatia e o outro sobre a percepção dela sobre a interação de sua família, o que deve demorar aproximadamente 30 minutos e será realizado em uma sala na própria escola e no turno em que a criança estuda, sem que isso traga prejuízo às suas atividades escolares.

Durante a realização do teste e dos questionários poderá acontecer um desconforto caso a criança não se sinta à vontade para responder alguma pergunta, que será minimizado, pois a criança não é obrigada a responder as questões que não quiser e poderá deixar de participar do estudo a qualquer momento, se assim desejar. A criança não terá benefícios diretos com a participação neste estudo, porém esperamos que ele seja útil para ajudar a entender o desenvolvimento da empatia e da percepção das emoções na infância.

_____ (rubrica do Participante/Responsável legal) _____ (rubrica do Pesquisador)

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para a mestranda Lara Gomes de Souza Silveira no telefone (84) 99636-5944, ou através do email:gomes.lara.s@gmail.com.

Você tem o direito de recusar sua autorização ou de retirá-la, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você ou para a criança.

Os dados que a criança irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa identificá-la. Esses dados serão guardados pelas pesquisadoras responsáveis por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

Se você tiver algum gasto comprovado pela participação da criança nessa pesquisa, ele será assumido pela pesquisadora e reembolsado para você.

Se a criança sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, ela será indenizada.

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, telefone 3215-3135.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com a pesquisadora responsável Lara Gomes de Souza Silveira.

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, representante legal do menor _____, autorizo sua participação na pesquisa *Empatia e reconhecimento de emoções em crianças*.

Esta autorização foi concedida após os esclarecimentos que recebi sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados, por ter entendido os riscos, desconfortos e benefícios que essa pesquisa pode trazer para ele(a) e também por ter compreendido todos os direitos que ele(a) terá como participante e eu como seu representante legal.

Autorizo, ainda, a publicação das informações fornecidas por ele(a) em congressos e/ou publicações científicas, desde que os dados apresentados não possam identificá-lo(a).

Natal, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do participante da pesquisa/responsável legal



Impressão
datiloscópica do
representante

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisadora responsável pelo estudo *Empatia e reconhecimento de emoções em crianças*, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Natal, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do pesquisador responsável

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 2.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE BIOCÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOBIOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Este é um convite para você participar da pesquisa: *Empatia e reconhecimento de emoções em crianças*, que tem como pesquisadoras responsáveis a mestranda Lara Gomes de Souza Silveira e a prof^a Fívia de Araújo Lopes.

Esta pesquisa pretende compreender como se desenvolve a empatia e a percepção de emoções na infância. A empatia é uma percepção emocional e comportamental diante das emoções do outro. Esta, é uma habilidade social que se desenvolve com vínculos emocionais e a capacidade de se relacionar socialmente. O motivo que nos leva a fazer este estudo é que, ao longo do desenvolvimento do ser humano, é percebido que há uma diferenciação no grau empático, assim como, na percepção de emoções e atualmente poucos trabalhos questionam essa disparidade. Além disso, este estudo inova na investigação desse tema ao buscar integrar a percepção de pais e filhos e as influências das práticas utilizadas pelos pais na empatia dos filhos.

Caso você decida participar, você deverá responder a dois questionários, um com informações sobre você e sua família e outro com algumas perguntas sobre as suas práticas educativas utilizadas para com o seu filho. Você levará aproximadamente 20 minutos para responder esses questionários.

Durante a realização dos mesmos, caso aconteça algum desconforto e você não se sentir à vontade para responder alguma pergunta, você não será obrigado a respondê-la e poderá deixar de participar do estudo a qualquer momento, se assim desejar.

Você não terá benefícios diretos com a participação neste estudo, porém esperamos que ele seja útil para ajudar a entender o desenvolvimento da empatia e da percepção das emoções na infância.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para a mestranda Lara Gomes de Souza Silveira no telefone (84) 99636-5944, ou através do email: gomes.lara.s@gmail.com.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados que você irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelas pesquisadoras responsáveis por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos. Se você tiver algum gasto comprovadamente relacionado à sua participação nessa pesquisa, ele será assumido pelas pesquisadoras e reembolsado para você.

_____ (rubrica do Participante/Responsável legal) _____ (rubrica do Pesquisador)

Se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, telefone 3215-3135.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com a pesquisadora responsável Lara Gomes de Souza Silveira.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa *Empatia e reconhecimento de emoções em crianças*, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Natal, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do participante da pesquisa



Impressão
 datiloscópica do
 participante

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisadora responsável pelo estudo *Empatia e reconhecimento de emoções em crianças*, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Natal, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do pesquisador responsável

Anexo 3 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE BIOCÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOBIOLOGIA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado para participar da pesquisa *Empatia e reconhecimento de emoções em crianças*. Seus pais permitiram que você participe.

Queremos entender como se desenvolve a empatia e a percepção de emoções na infância.

As crianças que irão participar dessa pesquisa têm de 5 a 10 anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita na escola que você estuda, onde as crianças vão participar de um teste e depois responder algumas perguntas. Para isso, será um computador. O uso do computador é considerado seguro, pois serão utilizados rapidamente, mas talvez você sinta algum desconforto nos olhos. Caso aconteça algo de errado, você pode nos procurar pelo telefone (84) 99636-5944 ou e-mail: gomes.lara.s@gmail.com, da pesquisadora Lara Gomes de Souza Silveira. Mas podem acontecer coisas boas, como você achar divertido fazer o nosso teste das emoções e acertar as emoções nas fotos que você verá. Se você morar longe da escola, nós daremos a seus pais dinheiro para transporte, para também acompanhar a pesquisa.

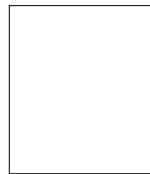
Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados em revistas e apresentados em congressos, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa poderemos combinar com a escola para explicar os resultados para os pais que tiverem interesse.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi os telefones na parte de cima desse texto.

Eu _____ aceito participar da pesquisa *Empatia e reconhecimento de emoções em crianças* que tem o/s objetivo(s) compreender o desenvolvimento da empatia e da percepção das emoções na infância. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar chateado. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do participante



Impressão
datiloscópica do
participante

Natal, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Anexo 4 – Questionário Sociodemográfico

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Nome da criança: _____

Nome do pai ou responsável: _____

Gênero da criança: _____ Data de nascimento: ____/____/____

Naturalidade: _____ Cidade em que vive: _____

Escola em que a criança estuda: _____

Qual ano (série) está cursando na escola: _____

A criança já repetiu o ano (série) escolar? () Sim () Não

Número de pessoas que moram com a criança: _____

Ordem de nascimento (primeiro filho? Segundo filho?): _____

Número de irmãos: _____

Idade da mãe: _____ Idade do pai: _____

Nível de escolaridade do(a) chefe da família: _____

Nível de escolaridade da mãe: _____

Nível de escolaridade do pai: _____

A criança sofre de alguma doença crônica? () Sim () Não

Qual? _____

A criança sofre de algum transtorno mental? () Sim () Não

Qual? _____

Alguém na família possui algum transtorno mental? () Sim () Não ()

Qual? _____

Caso a criança tenha passado por algum dos eventos seguintes, indique quais foram e quanto tempo faz, aproximadamente:

() Morte de um dos pais ou irmão. Quanto tempo faz? _____

() Morte de algum parente próximo. Quanto tempo faz? _____

() Divórcio dos pais. Quanto tempo faz? _____

() Abandono dos pais/cuidador. Quanto tempo faz? _____

- () Morte de algum amigo. Quanto tempo faz? _____
- () Morte de algum animal de estimação. Quanto tempo faz? _____
- () Internação de longo prazo (+ 15 dias). Quanto tempo faz? _____
- () Mudança de escola. Quanto tempo faz? _____
- () Nascimento de um irmão mais novo. Quanto tempo faz? _____
- () Mudança de bairro/cidade. Quanto tempo faz? _____
- () Sofreu algum tipo de acidente grave. Quanto tempo faz? _____

Itens de Conforto		Não possui	Quantidade que possui			
			1	2	3	4+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular						
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana						
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho						
Quantidade de banheiros						
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel						
Quantidade de geladeiras						
Quantidade de freezers independentes ou parte da geladeira duplex						
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones						
Quantidade de fornos de micro-ondas						
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional						
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca						
A água utilizada neste domicílio é proveniente de?						
()	Rede geral de distribuição					
()	Poço ou nascente					
()	Outro meio					
Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:						
()	Asfaltada/Pavimentada					
()	Terra/Cascalho					

Anexo 5 – Escala de Empatia para Crianças e Adolescentes (EECA)

Leia cada afirmação, cuidadosamente, depois marque se a sentença descreve você (“sim”) ou não descreve você (“não”):

	Sim	Não
1. Fico triste de ver uma menina que não encontra alguém com quem brincar.	1	2
2. Pessoas que beijam e abraçam em público são tolas.	1	2
3. Meninos que choram porque estão felizes são tolos.	1	2
4. Eu realmente gosto de ver pessoas abrindo presentes, mesmo quando eu não ganho um presente para mim.	1	2
5. Ver um menino que está chorando me faz sentir vontade de chorar.	1	2
6. Eu fico aborrecido quando eu vejo uma menina sendo machucada.	1	2
7.* Mesmo quando eu não sei por que alguém está rindo, eu também começo a rir.	1	2
8. Às vezes, eu choro quando assisto TV.	1	2
9. Meninas que choram porque estão felizes são tolas.	1	2
10.* É difícil, para mim, ver o porquê de outra pessoa ficar aborrecida.	1	2
11. Eu fico chateado quando eu vejo um animal sendo ferido.	1	2
12. Fico triste de ver um menino que não encontra alguém com quem brincar.	1	2
13. Algumas canções me deixam tão triste que eu sinto vontade de chorar.	1	2
14. Eu fico aborrecido quando eu vejo um menino sendo machucado.	1	2
15.* Adultos às vezes choram, mesmo quando eles não têm motivo para estarem tristes.	1	2
16. É bobagem tratar cachorros e gatos como se eles tivessem sentimentos humanos.	1	2
17.** Eu fico furioso(a) quando eu vejo um colega de aula fingindo que precisa ajuda da professora todo o tempo.	1	2
18. Crianças que não têm amigos, provavelmente não querem ter.	1	2
19. Ver uma menina que está chorando me faz sentir vontade de chorar.	1	2
20. Eu acho engraçado quando alguma pessoa chora durante um filme triste ou quando está lendo um livro triste.	1	2
21. Eu sou capaz de comer sozinho todos os meus biscoitos, mesmo quando eu vejo que alguém está olhando para mim e querendo um.	1	2
22.* Eu não me sinto aborrecido quando um colega está sendo punido pela professora por não obedecer as regras da escola.	1	2

Anexo 6 – Escala de Qualidade da Interação Familiar

Escalas de qualidade na interação familiar

Weber, Salvador & Brandenburg (2009)

Caro(a) participante: A sua ajuda é muito importante para a nossa pesquisa sobre a família, mas lembramos que você só participa se quiser. Pedimos que você responda sinceramente todas as questões, sem deixar nenhuma em branco. Não existem respostas certas ou erradas! Você não precisa escrever o seu nome e ninguém mais, além das pesquisadoras, saberá as suas respostas. Muito obrigada pela sua colaboração!

Idade: _____ Gênero: feminino masculino

Com quem você mora? _____

Responda as seguintes questões sobre o seu pai e sobre a sua mãe (ou sobre as pessoas por quem foi educado, por exemplo: madrasta, padrasto, avô, avó, tio, tia, e outros). Numere de 1 a 5, de acordo com a seguinte notação:

(1) = Nunca; (2) = Quase nunca; (3) = Às vezes; (4) = Quase sempre; (5) = Sempre.

N	PERCEPÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DOS PAIS	MÃE PAI	
		MÃE	PAI
1.	Meus pais costumam dizer o quanto eu sou importante para eles	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.	Meus pais brigam comigo por qualquer coisa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.	Meus pais costumam xingar um ao outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.	Eu costumo contar as coisas boas que me acontecem para meu pai/minha mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.	Meus pais costumam falar alto ou gritar comigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.	Meus pais fazem carinho um no outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.	O que meus pais me ensinam de bom eles também fazem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.	Eu penso que meu pai/minha mãe são os melhores pais que eu conheço	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9.	Meus pais ficam felizes quando estão comigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10.	Meus pais costumam descontar em mim quando estão com problemas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.	Meus pais falam mal um do outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.	Eu costumo contar as coisas ruins que me acontecem para meu pai/minha mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.	Meus pais costumam me xingar ou falar palavrões para mim	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.	Meus pais fazem elogios um para o outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15.	Meus pais também fazem as obrigações que me ensinam	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16.	Eu me sinto amado pelos meus pais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

17.	Meus pais procuram saber o que aconteceu comigo quando estou triste	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.	Meus pais sabem onde eu estou quando não estou em casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19.	Quando ajudo meus pais, eles me agradecem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.	Meus pais costumam me bater quando faço alguma coisa errada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21.	Meus pais costumam estar brabos um com o outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22.	Eu costumo falar sobre meus sentimentos para meu pai/minha mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23.	Meus pais costumam se abraçar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.	Eu acho legais as coisas que meus pais fazem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.	Meus pais são um bom exemplo para mim	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26.	Meus pais costumam mostrar que se preocupam comigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27.	Meus pais demonstram orgulho de mim	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28.	Meus pais sabem o que eu faço com o meu tempo livre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.	Meus pais brigam um com o outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30.	Meus pais costumam me fazer carinhos quando eu me comporto bem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31.	Meus pais costumam me bater sem eu ter feito nada de errado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32.	Meus pais costumam me criticar de forma negativa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33.	Meus pais falam bem um do outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34.	Sinto orgulho de meus pais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35.	Meus pais costumam me dar beijos, abraços ou outros carinhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36.	Meus pais costumam me dar conselhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37.	Meus pais costumam me bater por coisas sem importância	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38.	Meus pais têm bom relacionamento entre eles	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39.	Meus pais pedem para eu dizer para onde eu estou indo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40.	Qual a nota que você dá para seus pais, de um a cinco	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Este espaço é para você escrever o que quiser sobre seus pais!

Anexo 7 – Empathy Questionnaire (EQ) em versão traduzida para o português

Questionário de Empatia

O questionário a seguir trata dos comportamentos de **seu (sua) filho(a)**. Por favor, responda-o da melhor forma que conseguir, mesmo se o comportamento apresentado na afirmativa não se aplica ao seu (sua) filho(a). **Por favor, não pule nenhuma das afirmativas!**

Por favor, escolha entre uma das três alternativas:

- * Não ou nunca aplicável de nenhuma forma (pelo que você tem conhecimento);
- * Um pouco ou às vezes aplicável;
- * Claramente ou sempre aplicável.

1. Quando outra criança sofre uma queda feia, o(a) meu (minha) filho(a) finge cair também.

- () Nunca
- () Às vezes
- () Sempre

2. Quando eu deixo claro que eu quero um pouco de paz e silêncio, o(a) meu(minha) filho(a) tenta não me incomodar.

- () Nunca
- () Às vezes
- () Sempre

3. Quando outra criança discute, meu (minha) filho(a) fica chateado(a)

- () Nunca
- () Às vezes
- () Sempre

4. Quando outra criança se chateia, meu (minha) filho(a) para sua própria brincadeira para observá-la.

- () Nunca
- () Às vezes
- () Sempre

5. Quando outra criança começa a chorar, o(a) meu(minha) filho(a) tenta acalmá-la.

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

6. Quando outra criança está chorando, meu (minha) filho(a) olha para o outro lado.

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

7. Quando outra criança se assusta, meu (minha) filho(a) congela ou começa a chorar.

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

8. Quando um adulto ri, meu (minha) filho(a) tenta se aproximar dele(a).

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

9. Quando outra criança está chorando, meu(minha) filho(a) tenta achá-la.

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

10. Quando outra criança fica chateada, o(a) meu (minha) filho(a) tenta animá-la.

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

11. Quando outra criança discute, meu (minha) filho(a) quer ver o que está acontecendo.

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

12. Meu (minha) filho(a) precisa ser acalmado(a) quando outra criança está sentindo dor.

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

13. Quando outra criança fica assustada, meu (minha) filho(a) tenta ajudá-la.

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

14. Quando outra criança está chateada, o(a) meu (minha) filho(a) precisa ser acalmado também.

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

15. Quando outra criança está rindo, meu(minha) filho(a) tenta achá-la.

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

16. Quando eu deixo claro que quero fazer algo sozinho (por exemplo: ler), meu (minha) filho(a) me deixa sozinho por um tempo.

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

17. Quando meu(minha) filho(a) vê outra criança rindo, ele (ela) começa a rir também.

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

18. Quando duas crianças estão brigando, meu(minha) filho(a) tenta pará-las.

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

19. Quando um adulto fica chateado com outra criança, meu(minha) filho(a) observa atentamente.

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

20. Quando outra criança chora, o meu (minha) filho(a) fica chateado(a) também.

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

Anexo 8 – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFRN.

UFRN - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO
NORTE - LAGOA NOVA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Empatia e reconhecimento de emoções em crianças

Pesquisador: Lara Gomes de Souza Silveira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 85593618.0.0000.5537

Instituição Proponente: Centro de Biociências

Patrocinador Principal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.649.938

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia, do Centro de Biociências, cujo título é "Empatia e reconhecimento de emoções em crianças". A pesquisa seguirá um delineamento do tipo transversal com dados coletados a partir de uma amostra de conveniência. A coleta de dados será realizada no município de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil na Escola Municipal Juvenal Lamartine e no Instituto Maria Auxiliadora. A amostra terá um total de 156 participantes, distribuídos em três grupos etários, que compreenderá crianças de 5 a 10 anos de idade. Os participantes serão recrutados, após autorização da direção das escolas, bem como dos responsáveis pelas crianças, através da apresentação do projeto nas salas de aula e envio do TCLE e TALE para os pais. A coleta será realizada individualmente a partir da utilização de 2 questionários direcionados aos pais: 1) questionário sociodemográfico; 2) Empathy Questionnaire (EQ) que avaliará a percepção dos pais do nível empático dos filhos, sendo esta uma versão traduzida para o português e conta com 20 itens, respondidos em uma escala Likert de 3 pontos (nunca, às vezes e sempre); e 2 questionários direcionados às crianças, que seguem: 1) Escala de Empatia para Crianças e Adolescentes (EECA) que avalia a responsividade emocional dos indivíduos estudados e é constituída por 22 itens, sendo cada um respondido por "sim" ou "não"; 2) Escala de Qualidade da Interação Familiar (EQIF) que avalia a percepção da interação familiar dos alunos, sendo composta por 40 questões respondidas numa escala Likert de 5 pontos (nunca, quase nunca, às vezes, quase sempre e sempre), sendo composta por 9 subescalas: 6 correspondem à

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000

Bairro: Lagoa Nova

CEP: 59.078-970

UF: RN **Município:** NATAL

Telefone: (84)3215-3135

E-mail: cepufm@reitoria.ufrn.br

Continuação do Parecer: 2.649.938

aspectos considerados positivos e 3 correspondem à aspectos considerados negativos das interações. Haverá também a avaliação da percepção de emoções dos alunos, será feito um teste de percepção de emoções no qual utilizaremos o Eye Tracker iView ETG desenvolvido pela SensoMotoric Instruments GmbH como meio de registrar as certezas ou dúvidas dos pontos de micro-expressão avaliados pelos participantes ao identificarem as emoções contidas em cada imagem apresentada do banco de dados "CEPS - Child Emotion Picture Set Database", desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Neurociência Afetiva e Transgeracionalidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, e que foi disponibilizado pela Dr. Adriane Artech e a Ms Aline Romani Sponchiado. Serão apresentadas, para cada criança, 3 imagens de indivíduos expressando cada uma das 6 emoções básicas e, a cada imagem, serão dadas 4 opções de emoções para que o participante escolha a emoção correta que foi expressada na imagem.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral:

O objetivo principal do trabalho é compreender o desenvolvimento da empatia e da percepção de emoções na infância.

Objetivos específicos:

- Identificar a influência da faixa etária no desenvolvimento da empatia e da percepção de emoções;
- Verificar a influência dos sexos no grau de empatia dos indivíduos e na capacidade de percepção de emoções; e
- Medir a percepção familiar de pais e filhos no que diz respeito à empatia das crianças.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Quanto aos riscos, os pesquisadores acreditam que seja possível que haja desconforto visual ao

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000

Bairro: Lagoa Nova

UF: RN

Telefone: (84)3215-3135

Município: NATAL

CEP: 59.078-970

E-mail: cepufm@reitoria.ufrn.br

UFRN - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO
NORTE - LAGOA NOVA



Continuação do Parecer: 2.649.938

utilizar o instrumento "eye tracking", porém, esse risco será minimizado por sua utilização em um curto período de tempo.

Benefícios:

Quanto aos benefícios, eles acreditam que as crianças poderão perceber o seu grau de precisão em reconhecer emoções, além dos pais perceberem a quão acurada está a sua habilidade de perceber o grau de empatia dos filhos, mostrando a boa relação que se tem em casa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O título da pesquisa é claro, assim como seus objetivos. Tem uma metodologia pertinente e o tempo previsto para a execução da pesquisa são adequados. O termo de assentimento continua sem local para rubrica. O pesquisador precisa atualizar o cronograma.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados.

Recomendações:

Qualquer modificação pretendida no protocolo de pesquisa deverá ser comunicada previamente ao CEP Central/UFRN sob a forma de emenda ao projeto original. O pesquisador responsável deverá enviar via Plataforma Brasil, relatório parcial (pesquisa ainda em curso) e relatório final ao término da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que as pendências observadas foram sanadas na versão atual do protocolo de pesquisa, o CEP Central/UFRN considera APROVADO o referido protocolo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Em conformidade com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde - CNS e Manual Operacional para Comitês de Ética - CONEP é da responsabilidade do pesquisador responsável:

1. elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela (s) pessoa (s) por ele

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000

Bairro: Lagoa Nova

UF: RN

Município: NATAL

Telefone: (84)3215-3135

CEP: 59.078-970

E-mail: cepufm@reitoria.ufrn.br

UFRN - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO
NORTE - LAGOA NOVA



Continuação do Parecer: 2.649.938

- delegada(s), devendo as páginas de assinatura estar na mesma folha (Res. 466/12 - CNS, item IV.5d);
2. desenvolver o projeto conforme o delineado (Res. 466/12 - CNS, item XI.2c);
 3. apresentar ao CEP eventuais emendas ou extensões com justificativa (Manual Operacional para Comitês de Ética - CONEP, Brasília - 2007, p. 41);
 4. descontinuar o estudo somente após análise e manifestação, por parte do Sistema CEP/CONEP/CNS/MS que o aprovou, das razões dessa descontinuidade, a não ser em casos de justificada urgência em benefício de seus participantes (Res. 446/12 - CNS, item III.2u);
 5. elaborar e apresentar os relatórios parciais e finais (Res. 446/12 - CNS, item XI.2d);
 6. manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa (Res. 446/12 - CNS, item XI.2f);
 7. encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto (Res. 446/12 - CNS, item XI.2g) e,
 8. justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou não publicação dos resultados (Res. 446/12 - CNS, item XI.2h).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1072382.pdf	05/04/2018 11:28:40		Aceito
Folha de Rosto	folha.pdf	05/04/2018 11:28:03	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Outros	formulariocepwd.docx	05/04/2018 10:03:46	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	cartapendencias.docx	05/04/2018 10:00:49	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	carta.pdf	05/04/2018 09:55:55	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Outros	cep.pdf	05/04/2018 09:55:18	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_Pais_LG.pdf	04/04/2018 15:11:05	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	Termo_de_consentimento_Pais_LG.docx	04/04/2018 15:10:23	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000
Bairro: Lagoa Nova
UF: RN Município: NATAL
Telefone: (84)3215-3135

CEP: 59.078-970

E-mail: cepufm@reitoria.ufrn.br

UFRN - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO
NORTE - LAGOA NOVA



Continuação do Parecer: 2.649.938

Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_Pais_LG.docx	04/04/2018 15:10:23	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_autorizacao_LG.pdf	04/04/2018 15:04:13	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_autorizacao_LG.docx	04/04/2018 15:01:33	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_assentimento_do_menor_LG.pdf	04/04/2018 14:59:35	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_assentimento_do_menor_LG.docx	04/04/2018 14:57:04	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Lara_Gomes.pdf	04/04/2018 14:45:39	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Lara_Gomes.docx	04/04/2018 14:43:24	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_de_confidencialidade.docx	05/03/2018 22:54:14	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termodeconfidencialidade.pdf	05/03/2018 22:53:35	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Outros	anuenciajuvenal.pdf	05/03/2018 22:53:06	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Outros	anuenciajuvenal.docx	05/03/2018 22:52:40	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Outros	anuenciaauxiliadora.docx	05/03/2018 22:52:12	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Outros	anuenciaauxiliadora.pdf	05/03/2018 22:51:44	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaodenaoinicio.pdf	05/03/2018 22:50:50	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaonaoinicio.docx	05/03/2018 22:50:25	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Outros	termodecompromissoCEPStraduzido.doc	05/03/2018 22:49:21	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	05/03/2018 11:37:02	Fívia de Araújo Lopes	Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	05/03/2018 11:36:41	Fívia de Araújo Lopes	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	05/03/2018	Fívia de Araújo	Aceito

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000

Bairro: Lagoa Nova

CEP: 59.078-970

UF: RN

Município: NATAL

Telefone: (84)3215-3135

E-mail: cepufm@reitoria.ufrn.br

UFRN - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO
NORTE - LAGOA NOVA



Continuação do Parecer: 2.649.938

Cronograma	Cronograma.pdf	11:36:24	Lopes	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	05/03/2018 11:36:08	Fívia de Araújo Lopes	Aceito
Outros	ceps_termo.png	21/02/2018 10:05:02	Lara Gomes de Souza Silveira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

NATAL, 11 de Maio de 2018

Assinado por:
LÉLIA MARIA GUEDES QUEIROZ
(Coordenador)

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000
Bairro: Lagoa Nova
UF: RN Município: NATAL
Telefone: (84)3215-3135

CEP: 59.078-970

E-mail: cepufm@reitoria.ufm.br

